

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO TECNOLÓGICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E  
SISTEMAS - MESTRADO EM ERGONOMIA

SELMA ZELANDRA MEDEIROS

**MÉTODO PARA EDUCADORES NA ARTE  
DE ENSINAR-APRENDER A SEXUALIDADE  
DO ADOLESCENTE: uma proposta participativa**

Dissertação submetida à  
Universidade Federal de Santa  
Catarina para obtenção do Grau de  
Mestre em Engenharia de Produção  
e Sistemas - ergonomia. Orientada  
pela Dra. Zuleica Maria Patrício.

Dezembro  
2000

**MÉTODO PARA EDUCADORES NA ARTE  
DE ENSINAR -APRENDER A SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE:  
uma proposta participativa**

**SELMA ZELANDRA MEDEIROS**

Esta dissertação foi submetida ao processo de avaliação pela banca examinadora para obtenção do título de

Mestre em Engenharia de Produção - Ergonomia

E aprovada em sua forma final em dezembro de 2000, atendendo às normas de legislação vigente do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

---

Profª . Zuleica Maria Patrício, Drª . - UFSC.

Orientadora

---

Profª . Maria Helena Bittencourt Westrupp, Drª . - UFSC

---

Profª . Vânia Ribas Ulbricht, Drª . - UFSC.

Florianópolis, dezembro de 2000.

Dedico

*Aos meus filhos Paula, Gabriela e Arhur.  
Aos adolescentes que me permitiram suas idéias.  
Ao amigo Nilton César da Silva, in memoria.*

## Agradeço

*À Professora Zuleica Maria Patrício, pelas orientações significativas na construção deste produto acadêmico.*

*Às Professoras Maria Helena Bittencourt Westrupp e Vânia Ribas Ulbricht, que gentilmente se dispuseram a contribuir com esta dissertação.*

*Aos amigos do Colégio de Aplicação e do Núcleo Transcriar da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo estímulo e amizade.*

*Aos amigos da Sociedade Catarinense de Sexualidade Humana, pelo conhecimento compartilhado.*

*Aos amigos pessoais, pelo afeto e confiança.*

*E, finalmente, sou grata a todos que de alguma forma me auxiliaram nesta trajetória.*

## SUMÁRIO

1– APRESENTAÇÃO .....	1
-----------------------	---

2– SEXUALIDADE: A EDUCAÇÃO SEXUAL E O SER ADOLESCENTE9	
--	--

---

3– O CONTEXTO DO ESTUDO QUALITATIVO PARTICIPANTE .....	28
--	----

3.1 – Tipo de Estudo.....	30
---------------------------	----

3.2 – Sujeitos, Local e Período do Estudo.....	31
--	----

3.3 – Vivenciando o Processo do Estudo: a interação sujeito/pesquisadora/ ambiente .....	32
---	----

3.3.1 – Entrando no campo: a aproximação e a exploração.....	32
--	----

3.3.2 – Ficando no campo: a permanência para coletar, registrar e analisar os dados .....	34
--	----

3.3.3 – Saindo do campo: agradecimentos e encaminhamentos finais ...	46
--	----

4– O ADOLESCENTE: AVALIANDO E RECRIANDO IDÉIAS E ATITUDES.....	47
---	----

4.1 – Dos conteúdos às reflexões teórico-práticas .....	49
---	----

4.2 – O Perfil dos Adolescentes Participantes .....	62
---	----

4.3 – O Perfil Adequado do Educador .....	70
---	----

4.4 – O Ambiente Adequado/Próprio.....	75
--	----

4.5 – O Tempo/espço necessário .....	78
--------------------------------------	----

4.6 – Os Recursos e os Materiais .....	79
--	----

4.7 – O Processo de Avaliação.....	80
------------------------------------	----

5 – SÍNTESE DO <b>Método</b> DE ENSINAR-APRENDER A SEXUALIDADE.....	81
6 – OS PRINCÍPIOS BÁSICOS QUE EMERGIRAM DO ESTUDO: reflexões finais .....	84
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	89
ANEXOS.....	94

## RESUMO

A partir da necessidade de se conciliar educação e aspectos socioculturais com as manifestações da sexualidade na adolescência, foi desenvolvido um estudo qualitativo com o objetivo de **construir uma proposta pedagógica capaz de subsidiar o educador na elaboração de programas de educação sexual para adolescentes por meio de abordagem holística e sociocultural de caráter participante.**

O estudo de campo foi realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina com um grupo de adolescentes da 1ª série do Ensino Médio no período de Maio a julho de 2000. A técnica de campo selecionada foi a atividade-oficina por tratar-se de uma ação participante, na qual se processam a produção de conhecimento e as transformações oportunas. O grupo manifestou suas idéias por meio das falas e dos registros descritivos que viabilizaram a produção de conhecimentos básicos e aplicados.

A análise de dados trouxe os temas emergentes que se constituíram em itens fundamentais e estruturantes para delinear e compor o perfil do **Método** de ensinar-aprender a sexualidade com o adolescente escolar. Esse método se apresenta como possibilidade de mudança, pois retrata o desejo dos adolescentes de *como gostariam que os educadores mediassem o ensino de sexualidade na escola*. O uso do método participante na arte de ensinar-aprender a sexualidade transcende a uma metodologia baseada apenas em transmitir informações biológicas. A dialogicidade, a musicalidade e a afetividade surgiram como componentes significativos para que se efetuassem o desenvolvimento do método. O método ainda se propõe a questionar os preconceitos e a estimular a satisfação dos envolvidos.

Finalmente, o estudo revela a sexualidade dentro de uma abordagem histórico-cultural e a submete a uma dimensão pedagógica capaz de subsidiar o educador em seu processo de trabalho e a mediar a sexualidade na adolescência, de modo a transformar a representação da cultura sexual.

## ABSTRACT

Starting from the need to reconcile the education and the partner-cultural aspects with the manifestations of the sexuality in the adolescence, a qualitative study was developed with the objective of building a pedagogic proposal capable to subsidize the educator in the elaboration of programs of sexual education for adolescents through approach holistic and partner-cultural of participant character.

The field study was accomplished at the School of Application of the Federal University of Santa Catarina with a group of adolescents of the 1st grade of the medium teaching in the period of May to July of 2000. The field technique selected it was the activity-workshop for treating of a participant action, in the which the knowledge production and the opportune transformations are processed. The group manifested your ideas through the speeches and of the descriptive registrations that made possible the production of basic and applied knowledge.

The analysis of data brought the emergent themes that were constituted in fundamental items to delineate and to compose the profile of the Method of teach-learning the sexuality with the school adolescent. This Method comes as change possibility, because it portrays the adolescents' desire of as they would like the educators to mediate the sexuality teaching in the school. The use of the participant method in the art of teach-learning the sexuality transcends it a methodology just based on transmitting biological information. The dialogue, the musicality and the affectivity appeared as significant components for the occurs of the Method's development. Its still intends to question the prejudices and to stimulate the satisfaction of those involved.

Finally, the study reveals the sexuality inside of a historical-cultural approach and it submits to a pedagogic dimension capable to subsidize the educator in his work process and to mediate the sexuality in the adolescence to transform the way of representation of the sexual culture.



## 1 – APRESENTAÇÃO

Idéias que foram fluindo ao longo da minha vivência como acadêmica e docente, sobre quem somos, nossa vida, nossa ética, nossa cultura, nossa sexualidade e nossa subjetividade vêm sendo cotidianamente questionadas no meio social. Percebo que, se vistas pela ótica dos novos paradigmas, as discussões e reflexões processam-se em manifestações interativas e socioculturais que permitem criar novos contextos local/global que levam ao desenvolvimento de uma consciência cada vez menos preconceituosa, abrindo novos espaços para re-contextualizar temas que perpassam a cultura contemporânea.

Penso que uma das primeiras tentativas de esboçar o que chamamos hoje de “novos paradigmas” encontro na obra de Frei Betto, Teilhard de Chardin (1992), *Sinfonia Universal*, onde o ser humano é considerado o mais perfeito espécie-natureza e o curso de sua biologia-evolução seguiria provavelmente dois caminhos:

- expansão da raça humana, através da perpetuação da espécie; e
- socialização humana, que seria regida por energias cósmicas que favoreceriam a “unanimização humana”. Inicialmente, a humanidade seria obrigada a “pensar para sobreviver”, passando, então, a “viver para pensar”; logo surgiria a “energia afetiva que colocaria os seres humanos perante a necessidade de se aperfeiçoarem mutuamente, amando-se uns aos outros” (Betto, 1992, p. 59).

Ainda nesta obra é possível perceber o quanto o homem e a mulher, além de “dar sentido ao universo”, “são o sentido do universo”, culminando aí todo o processo reprodutivo-evolucionário-afetivo da natureza. Olhar a complexidade da arquitetura biológica humana como ser sensível, emocional, amoroso, sexual, e

relacional nos leva a compreender que o contexto histórico e sócio-sexual parece exprimir toda a complexidade inerente ao ser humano-natureza.

Parece que as preocupações humanas, hoje, envolvem além da compreensão do universo, a dimensionalidade da emoção. A percepção de Teilhard é reforçada pelas idéias de Boff:

Tudo se re-liga, pois a emoção e a sensibilidade encontram suas raízes no universo [...] elas emergem em nós como articuladoras de uma força de emoção tão ancestral quanto os elementos primordiais (Boff, 1999, p. 58).

Encontram-se em Patrício (1995) e em Boff (1999) alguns pensamentos básicos que caracterizam o emergente paradigma, chamado de **holístico**, no sentido de representar a totalidade das diversidades orgânicas interligadas:

- **interligação dos seres**, passa por uma solidariedade cósmico-coletiva, onde cada ser possui valor próprio;
- seres vivem numa dinâmica **teia de relações**, onde cada um tem seu papel no universo;
- a partir do processo evolucionário, os seres adquirem cada vez mais a **consciência reflexiva/complexidade**, tornando-os aptos para entender o significado do universo inteligente/auto-organizante;
- a **compreensão dos significados** dos fenômenos naturais se dá através da percepção da teia de relações/rede interconexa/dinâmica que se auto-organiza, embora seja limitada; e
- seres são interdependentes, singulares, éticos, solidários, criadores, complementares e afetivos.

Minhas vivências me levam a acreditar na possibilidade que essas idéias holísticas possam referendar os entendimentos que permitem a compreensão do ser humano-natureza; e também nas interações sociais que permeiam o seu cotidiano. Assim, apresento este estudo como uma forma de mesclar a educação e a cultura, contextualizando-as com a sexualidade que aflora na adolescência.

Nesse sentido, o estudo aponta princípios básicos que podem auxiliar o educador no seu processo de trabalho.

Minha educação escolar e a prática docente são produtos do ensino público brasileiro. Em 1975 iniciei minha vida profissional como bolsista do Curso de Biologia da Universidade Federal de Santa Catarina, em uma escola municipal, na comunidade do Rio Tavares. A inexperiência na docência me permitiu questionar e indagar sobre os obstáculos cotidianos do trabalho escolar. A curiosidade do alunado em desvendar os mistérios do corpo sexual me aguçou de tal forma que passei a “querer” explorar esses aspectos. A partir daí segui por algumas escolas da rede pública estadual de Florianópolis, e as indagações pessoais e coletivas me acompanhavam e me provocavam, mas por absoluta falta de formação continuavam na interrogação. Em 1979 tornei-me professora efetiva do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. A proposta pedagógica do Colégio de Aplicação é atuar no ensino, pesquisa e extensão; então, além do ensino, passei a explorar atividades de pesquisa e extensão sob a forma de projetos na área da Biologia. Enquanto docente da Universidade Federal de Santa Catarina, surgiram algumas possibilidades de participar de eventos na área da sexualidade. Em contato com os novos saberes e crenças acabei me apaixonando pela área. Dei-me conta de que desejava trabalhar com o ensino de sexualidade. Percebi que a escola pública brasileira não encontrava espaço capaz de promover reflexões sobre questões sexuais devido aos inúmeros preconceitos estabelecidos pelos padrões sociais.

Passei a entender a escola como o local ideal para que essas discussões se processassem, pois ela agrega um número significativo de jovens das classes populares. Talvez a partir daí os jovens possam compreender a sexualidade como vertente natural e cultural do ser humano. Fui trilhando o caminho da pesquisa literária, e propostas de projetos em sexualidade foram sendo elaboradas. Por insegurança pessoal em lidar com o tema, busquei formação acadêmica na área. Para que isso fosse possível, recorri a uma instituição privada onde surgia o primeiro Curso de Especialização em Sexualidade Humana da Região Sul do Brasil – Faculdade Tuiuti/PR e Universidade Gama Filho/RJ.

Devido à minha prática docente no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina e como Coordenadora do Projeto de Orientação Sexual

desenvolvido nas 1<sup>as</sup> séries do Ensino Médio, tive a oportunidade de perceber que o ensino de sexualidade praticado nessas séries necessitava de reformulações para poder atender às expectativas dos jovens. Assim, no repensar minha prática docente e por acreditar que os estudos em sexualidade estão em franca evolução, emergiu a vontade de voltar a pesquisar academicamente. Em 1998 habilitei-me a uma vaga no Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Engenharia de Produção e Sistemas, área de concentração Ergonomia, no Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina. Escrevi uma proposta de projeto de pesquisa e encaminhei à Professora Zuleica Maria Patrício. Iniciei os créditos do mestrado em março de 1999. Descobri, além de novos conhecimentos e concepções, uma nova forma de fazer pesquisa. A participação nas disciplinas de *Método Qualitativo da Pesquisa* e na *Qualidade de Vida do Trabalhador: numa perspectiva holístico-ecológica*, mediadas pela Dra. Zuleica Maria Patrício, me permitiu descobrir novos conhecimentos. Surgiram na minha vida acadêmica a pesquisa qualitativa participante e o referencial holístico. A partir daí minhas idéias fluíram e me fizeram perceber a realidade social do ser humano numa visão participante e holística. No Método Qualitativo de caráter participante encontro possibilidades de compreender as concepções humanas de modo a ampliar as teorias e os conhecimentos, “mas especialmente a construção de marcos teóricos, a partir dos próprios dados da realidade estudada e que posteriormente servirão de referenciais para outros estudos” (Patrício, 1999, p. 65). Ao tomar consciência dos pressupostos da pesquisa participante e do referencial holístico, percebi que essas abordagens favorecem a compreensão das necessidades individuais e coletivas que o ser humano apresenta em todo o seu processo de viver. Adaptar essa visão para a educação significa que, através do contexto sociocultural dos sujeitos, compreendemos os eventos e passamos a compartilhar os saberes que culminam na construção individual e coletiva.

Passei a compreender que a visão holística e as minhas vivências docentes, aliadas à vontade de fazer pesquisa qualitativa participante, me impulsionaram a investigar “como os adolescentes querem que os educadores desenvolvam o ensinar-aprender a sexualidade”.

Penso que, em situações de ensino e aprendizagem, o fundamental é a participação e a cooperação entre os envolvidos, pautando-se pela organização

das atividades e pela reflexão dos questionamentos que influenciam no processo de construção dos significados.

O ato de ensinar requer conhecimentos adequados e meios de mediar os processos de aprendizagem. Para aprender, o sujeito necessita adquirir informações e vivenciar situações que lhe permitam construir conhecimentos básicos, que ao longo do processo vão se tornando mais abrangentes. Para que o processo educativo se torne significativo, é necessário investir em ações que estimulem a disposição do educador e dos sujeitos para o ensinar-aprender, numa situação educativa de dupla sintonia, onde o fundamental é compartilhar saberes e vivências. Essa disponibilidade exige ousadia para se colocarem problemas, se buscarem soluções e se experimentarem novos caminhos. O **Método** de ensinar-aprender vai possibilitar que os educadores utilizem a metodologia participante e, dessa forma, desenvolvam o ensino da sexualidade com os adolescentes sob um olhar holístico e sociocultural.

Por meio de revisão bibliográfica, arrolei saberes que foram extraídos de trabalhos acadêmicos e de referenciais teóricos de diversas áreas do conhecimento, Saúde, Ergonomia, Biologia, Psicologia, Sociologia, História, Sexualidade e Educação, para constituir a base da fundamentação teórica do meu estudo. O suporte metodológico do estudo, numa perspectiva transdisciplinar, segue a orientação da pesquisa qualitativa participante, dos referenciais do Cuidado Holístico-Ecológico (Patrício, 1995-1999) e do Núcleo Transcriar/UFSC (1996). Esses se preocupam com o ser humano na sua imensa diversidade natural, especialmente em como realizar desejos e necessidades de “querer”, “saber/fazer” e ter “prazer/satisfação de viver” em todas as suas formas.

O método do estudo apóia-se no método qualitativo que olha o sujeito como participante ativo no campo de pesquisa. O estudo participante é uma forma de pesquisar em que o sujeito é levado a participar de todo o processo de investigação, desde o momento de fazer emergir os temas até o de compartilhar os saberes. A pesquisa participante é fundamentada na realidade do sujeito e indica possibilidades de transformação tanto no aspecto individual quanto no coletivo.

O pesquisador desenvolve continuamente um trabalho com reflexão crítica sobre as implicações teóricas e metodológicas de sua intervenção e

do processo como um todo. Por isso os conhecimentos originados do estudo são de ordem teórica e metodológica (Transcriar/UFSC, 1996, p. 17).

O estudo participante utiliza várias técnicas para levantamento de dados, desenvolve a análise e interpretação dos dados coletados no campo e apresenta as devidas percepções, de acordo com a literatura especializada.

Considerando a diversidade humana e a importância do ensino de sexualidade na escola, percebi que não podemos nos limitar a abordar os conhecimentos relacionados apenas aos aspectos biologizantes e quantificados pelo método científico. Assim como a sensibilidade humana é considerada por muitos como produto da subjetividade e a sexualidade é movida pela sensibilidade e emoção, torna-se necessário que se trabalhem os aspectos subjetivos que estão expressos no comportamento e nas atitudes. Portanto, para que se desenvolva uma educação de atitudes, é necessário conhecer diferentes valores culturais, poder apreciá-los e vivenciá-los, por meio de situações pedagógicas que capacitem os sujeitos a dialogar, questionar e transformar a realidade social.

Atualmente, discute-se, nas academias e na mídia, embora de maneira casual, qual é o eixo básico do “paradigma” que aborda a sexualidade e que questões ligadas à sexualidade estão embutidas no contexto humano?

Acredito que a construção dos saberes emerge dos sentimentos e de situações vivenciadas pelos sujeitos e, dessa forma, favorece o ensinar-aprender, o construir-desconstruir, o individual-coletivo e ativa o processo educativo. Possivelmente, ocorrerem mudanças sutis nos modelos sócio-sexuais vigentes, desabrochando para um viver mais saudável, pois parece que a qualidade de vida da humanidade está diretamente relacionada ao exercício da sexualidade, desde que sejam atendidas suas necessidades de sobrevivência.

Considero a questão sexual inserida no âmago da sociedade e, como somos incapazes de abdicar da condição de seres biológico-sexuados, obviamente as questões sexuais acabam por permear a vida do ser humano-natureza em todos os seus aspectos. Esses fatores, associados ao senso-comum resgatam a reflexão ética e moral que está presente nas discussões referentes à sexualidade. A globalização influencia sensivelmente a percepção do ser humano-natureza, já que estamos expostos às informações geradoras desse sistema, que nos são

bombardeadas por meio da mídia. Assim, para trabalhar o processo de refletir/avaliar essas questões, este estudo tem a pretensão de permitir que os educadores desejosos de trabalhar a sexualidade na escola passem a viabilizar a educação de atitudes e, se possível, em dupla sintonia, de modo que ambos sejam beneficiados nesse processo.

A construção do **método** educativo em sexualidade, a partir das vivências e expectativas do ser adolescente, vai habilitar o trabalhador-educador, como agente tipificador dos jovens, a compreender momentos singulares e cotidianos do contexto sócio-histórico e escolar, onde a performance de cada um é categoria fundamental para a transformação. Assim, as mudanças ocorridas na escola refletem no desenvolvimento da consciência dos sujeitos e, conseqüentemente, nos matizes sociais.

Na verdade, o estudo tem por objetivo apresentar o processo de construir uma proposta pedagógica capaz de subsidiar o educador na elaboração de programa de educação sexual para adolescentes por meio de abordagem holística e sociocultural participante.

Quanto à especificidade da minha pesquisa, além dos referenciais teóricos, conto com as minhas vivências docentes, pois imagino que essas possam contribuir de forma significativa para a construção e transformação social do saber, promovendo melhoria na arte de ensinar-aprender a sexualidade.

À medida que os dados foram sendo coletados, checados e analisados, fui percebendo a dificuldade para apresentar todas as “falas”, conhecimentos e as considerações originais e significativas que foram emergindo ao longo deste estudo. Sendo assim, para que o leitor possa compreender este estudo, os assuntos são organizados, iniciando-se pela *Apresentação*, em seguida vem a fundamentação teórica sobre *A Sexualidade: a Educação Sexual e o Ser Adolescente*; depois o *Contexto do Estudo Qualitativo Participante* e *O Adolescente: Avaliando e Recriando Idéias e Atitudes*; por fim, *Os Princípios Básicos que Emergiram do Estudo: Reflexões Finais*.

Portanto, a partir das informações colhidas na pesquisa-participante, foi sendo elaborado um **método** educativo que talvez possa vir a constituir um referencial teórico destinado aos educadores que ousarem lidar com aspectos da sexualidade que perpassam o cotidiano do ser adolescente.

Além do cumprimento das exigências acadêmicas, penso que este estudo vai abrir possibilidades de um viver melhor do ser humano-natureza, em especial dos educadores, adolescentes e de seus pares. Apontar conhecimentos menos estereotipados, que permitem olhar a sexualidade de uma forma mais positiva e tranqüila, representa um produto capaz de incentivar o pensar-fazer, bem como provocar e subsidiar outras pesquisas na área.



## 2 – A SEXUALIDADE: A EDUCAÇÃO SEXUAL E O SER ADOLESCENTE

A **sexualidade** na espécie humana é vivenciada num contexto biológico e psicossocial. Nesse sentido, pode-se considerar que a sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento até a morte. E vai adequando-se durante o desenvolvimento do indivíduo e, conseqüentemente, se aperfeiçoando ao longo de sua existência. Desde o surgimento dos primeiros seres, a sexualidade emerge como uma das “mais importantes e complexas dimensões da condição humana” (Nunes, 1987, p. 27).

A História da Humanidade coloca que somente em breves períodos a expressão da sexualidade apresentou-se como mais liberal. Resgatando a **História da Sexualidade**, observo na tradição bíblica mais antiga que não existia “nenhum desprezo pela natureza sexual do homem” (Vitiello, 1994, p. 5). Era, por outro lado, percebida como um dos constituintes da natureza humana, pois a “carne não significa matéria e sim a própria existência [...] a provocação de sensações corpóreas não era condenada na bíblia” (Araújo, 1997, p. 54). Por extensão, o prazer de forma geral e, em especial o sexual, também não era condenado.

No entanto, durante a maior parte da história, o exercício da sexualidade foi reprimido e negado, principalmente na civilização ocidental.

Para Santo Agostinho, a figura que se tomou a pedra angular de moral sexual ocidental, a sexualidade só se justificaria no casamento, com o intuito de perpetuação da espécie. O prazer sexual foi proscrito por ele passando a ser fonte de pecado (Araújo, 1997, p. 55).

É nesta época que foi produzida a história referente à chamada mácula do pecado original, por sermos descendentes de Eva, que induziu Adão a “pecar” comendo o “fruto proibido”. Daí, para ser virtuosa, a mulher precisaria ser o oposto da Eva-pecadora, ou seja, assexuada. Estava concretizada a associação entre sexo e pecado: Eva-pecadora e Maria-assexuada, virgem e virtuosa. Os moralistas subseqüentes apenas foram repetindo essa visão de Santo Agostinho. Entretanto, devemos fazer uma consideração: essas idéias floresceram e se mantiveram estáveis por séculos e séculos devido à forte influência que a cultura cristã exerceu em toda a sociedade ocidental.

Os tempos mudaram, mas a sexualidade continua sendo alvo de preconceitos e de atitudes repressivas. A sexualidade, por seus efeitos de perpetuação da espécie, adquiriu um papel fundamental como processo natural-biológico que afeta o individual-coletivo. A partir dessa percepção, noto que mudanças afetivas e sócio-sexuais importantes foram se processando e foram modelando esses padrões. O estudo sobre a sexualidade tomou um caráter investigativo, apenas nas últimas três décadas, quando as manifestações do comportamento sexual de fato despontaram como um tema merecedor de atenção por parte da comunidade científica.

A partir de obras referenciadas nesta dissertação, que contextualizam a sexualidade, posso apontar inúmeras pesquisas relacionadas aos aspectos biológicos, psicossociais, antropológicos e culturais da sexualidade. Vale reconhecer que estudiosos como Krafft-Ebing (1880), Ellis (1890), Freud (1890), Malinowski (1929), Reich (1930), Kinsey (1937), Mead (1948), Masters e Johnson (1950), Kegel (1952), Foucault (1953), Kaplan (1969) e Lo Piccollo (1969), cada qual com sua leitura e pesquisa, contribuíram de forma fundamental para que a sexualidade fosse se tornando uma importante fonte de investigação. Essas leituras conseqüentemente serviram de suporte para compor as linhas clássicas e mestras que permeiam todos os saberes já construídos e validados sobre a sexualidade humana:

Torna-se importante ressaltar que algumas obras merecem destaque por causar maior impacto devido ao seu pioneirismo e contribuições no contexto.

Freud, em sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicada em 1905, resume de forma interessante e clássica o conceito de sexualidade.

A opinião popular tem idéias muito precisas a respeito da natureza e das características do instinto sexual. A concepção geral é que está ausente na infância, que se manifesta por ocasião da puberdade em relação ao processo de chegada da maturidade, e se revela nas manifestações de uma atração irresistível exercida por um sexo sobre o outro; quanto ao seu objetivo, presume-se que seja a união sexual, ou pelo menos atos que conduzem nessa direção (Freud, 1977, p. 135).

Masters e Johnson, ao pesquisar a anatofisiologia sexual, embasados nos trabalhos de Freud, Ellis, Reich e Kinsey, constituíram um referencial básico desvendando os mistérios da resposta sexual humana. Trata-se de leitura indispensável a quem deseja se dedicar ao tema.

Foucault, em sua obra clássica sobre *História da sexualidade* numa perspectiva filosófica e histórica, diz que

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (Foucault, 1997, p. 100).

Malinowski e Mead, em suas pesquisas e publicações, abordaram a sexualidade sob uma ótica cultural e antropológica.

Kaplan e Lo Piccollo revisaram questões anteriores e realizaram uma nova leitura, acrescentando conhecimentos aos já publicados. Inovações pertinentes capacitaram ainda mais a comunidade da área a adquirir novos saberes dessa tão marginalizada e mágica questão que é a sexualidade humana.

Toda a sociedade veio sendo reformulada ao longo dos tempos, por meio da ciência e dos meios devidamente credenciados. Os questionamentos ousados foram devidamente tratados e pesquisados. Conseqüentemente, houve uma revolução da moral sexual vigente. A questão da moral sexual nas diferentes culturas humanas está intimamente relacionada à repressão sexual, ou seja, ao sistema de crenças sócio-sexuais vigentes em cada época.

O progresso que se seguiu à revolução sexual nos coloca diante de verdadeiros dilemas morais, em que se postula que a moralidade acompanha o desenvolvimento cognitivo, ou seja, o ser humano possui capacidade de elaboração de juízos morais adequados à sua capacidade cognitiva, incorporando princípios éticos utilizados para o bem e para o crescimento natural da humanidade (Biaggio, 1983).

Numa perspectiva abrangente, a sexualidade veio adquirindo seu espaço e sendo gradativamente mais compreendida, deixando de ser exercida com tanta repressão. Dessa forma, pode ser mais bem sentida e vivida pelos sujeitos, desde que tenham a ousadia de questionar todos aqueles encaminhamentos que lhes foram impostos ao longo de suas vidas e que passem a expressar sentimentos, crenças e emoções sobre o seu Eu-sexual.

Falar sobre sexualidade é liberar uma série de preconceitos e manifestações relacionados às emoções, afeto, prazer e satisfação de necessidades fisiológicas básicas, de modo a vivenciá-la harmoniosamente, com responsabilidade e respeito.

A partir do momento em que a sexualidade for aceita como componente natural do ser humano, a repressão provavelmente será modelada e, quem sabe, reverterá em benefício da cultura sexual, que, apesar de apresentar padrões variados, tem por objetivo maior a satisfação/adaptação do indivíduo ao processo do bem-viver.

Acredito que, para se olhar a sexualidade, são necessárias paciência e disposição pessoal para a investigação e reflexão. Percebo que a maioria dos autores que se preocupam em investigar a sexualidade apresentam um estilo permeado de sensibilidade e defendem suas idéias de uma forma bastante significativa.

A sexualidade, como possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e boniteza, exige de nós essa volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo autenticamente, no mundo e com o mundo se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratarmos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente (Freire, apud Ribeiro, 1993, p. 12).

A sexualidade é fonte e arena de alguns dos maiores prazeres que homens e mulheres partilham e, ao mesmo tempo, de muitas das suas mais profundas vulnerabilidades (Masters & Jonhsons, 1997, p. 31).

O sexo é uma das formas mais profundas de contato entre duas pessoas. É também uma maneira de ter intimidade e mostrar o amor que se sente [...] quando ocorre a intimidade sexual, cresce muito a possibilidade de aumentar o prazer e o envolvimento dessa relação e até a alegria de viver (Suplicy, 1988, p. 11).

Referimo-nos não apenas à reprodução e à busca de prazer sexual, mas também à nossa necessidade de amor e bem-estar pessoal. A palavra incorpora muitos aspectos psicológicos e fatores culturais do comportamento sexual humano. A sexualidade inclui o conhecer-se masculino ou feminino e as reações a estes sentimentos e os de todos com quem uma pessoa interage. A palavra engloba os sentimentos de feminilidade, masculinidade, desejo, satisfação, amor, perda, dor, intimidade, solidão, cuidados, compartilhamento, toques, ciúmes, rejeição, auto-estima e felicidade (Vitiello, 1997, p. 29).

A sexualidade é uma qualidade essencialmente humana, não podendo ser reduzida ao nível da sexualidade do mundo animal [...] Isto nos impulsiona a investigar as formas pelas quais a sexualidade se constitui em modelo hegemônico ou tomou contornos específicos em diferentes épocas histórica (Nunes, 1996, p. 7).

Na realidade, para compreender a sexualidade como dimensão humana e social, torna-se necessário compreender os movimentos e modelos existentes em sua estruturação. Com a intenção de olhar a sexualidade e a educação, é necessário refletir pedagogicamente sobre a possibilidade de incorporá-la ao cotidiano escolar.

A busca de compreender a sexualidade no âmbito pedagógico nos remete a questionar as chances de conjugar sexualidade e educação, possivelmente por meio de uma abordagem pluralista e interdisciplinar. Trata-se, assim, de um conjunto de reflexões sobre as possibilidades de ensinar/aprender a sexualidade na escola.

Educar é produzir o homem, construir sua identidade social, cultural étnica e produtiva. A educação é o campo de ação humana, e, conseqüentemente, toda a sociedade ou

qualquer grupo social é uma agência educadora. Não se reduz educação à escolarização ou instrução. Educar é construir redes de significações culturais e comportamentos padronizadas, de acordo com os códigos vigentes (Nunes, 1996, p. 73).

Nessa direção, transportar esse entendimento para o ensino de sexualidade significa abrir possibilidades de aclarar as concepções de mundo que as sustentam. O ensino de sexualidade pode ser olhado como uma necessidade pedagógica, no sentido de promover reflexões capazes de delinear nossa construção como pessoa, desde a infância, adolescência até a vida adulta.

Acredito que mesclar esses entendimentos promove a construção de saberes, e

As ciências cognitivas, os modelos co-construtivistas e construcionistas em Psicologia e em **Educação** dão ênfase ao fato de que, participando nos matizes sociais (que incluem a ciência e a cultura das quais fazemos parte), adquirimos formas de compreender e participar, metáforas e parâmetros, eixos cognitivos e destrezas específicas (Schnitman, 1996, p. 10).

Assim, a capacidade de gerar novos saberes pode dar conta de lidar com as questões culturais e sexuais que estão contidas no cotidiano social do ser adolescente. Elaborar ações educativas voltadas para a educação sexual no Ensino Médio constitui um desafio:

A cada passo esbarramos com preconceitos e, ao menor sinal de transformação, de esclarecimento, encontramos resistência. Elas estão dentro de nós mesmos, educados numa cultura repressiva em que sexo não é um assunto tratado como outro qualquer. Daí a importância da educação sexual (*Ribeiro, 1993, p. 15*).

Para recuperarmos a **história da educação sexual no Brasil**, recorro aos conhecimentos de Guimarães (1995). Desde o início do século XX, com objetivos higienistas e médicos, já se ventilava a possibilidade da educação sexual. A partir de 1928, as escolas iniciaram programas de educação sexual, que foram idealizados em um congresso nacional de educadores. Os colégios religiosos dominavam o sistema educacional da elite brasileira, que manteve severa

repressão à educação sexual, em função de suas tradições cristãs. Após a década de 60, surgiram várias tentativas de implantação desses programas. A abordagem da sexualidade foi sendo lapidada e, à medida que as reflexões foram sendo processadas, esse ensino foi caminhando para uma educação além da informação, de modo a levar os adolescentes a formar conceitos e valores. A partir da década de 70, ressurgia de forma mais ativa o interesse pelos programas de educação sexual.

Entre recuos e avanços, oficialmente em 1978, a Prefeitura de São Paulo desponta como pioneira e implanta programas de educação sexual em suas escolas. O Programa de Orientação Sexual da Prefeitura Municipal de Campinas iniciou-se em 1984 (Mello, 1999, p. 74).

Nos anos subseqüentes mais e mais projetos para trabalhar a sexualidade foram abastecendo as escolas. No entanto, a maioria dos projetos fracassava. Alguns sofriam remodelações e ressuscitavam enquanto outros desapareciam.

Em 1994 as Secretarias Municipais de Educação e Saúde do Rio de Janeiro e de Salvador implementaram Projetos de Educação Sexual e Cidadania em escolas da rede (Diaz, 1999, p. 73). Esses projetos, *reconhecidos e testados oficialmente*, foram submetidos a um processo de avaliação, e, então, foi percebido que os resultados sistematizados têm servido de base para que se processem novas mudanças sócio-sexuais dos envolvidos. Os resultados obtidos a partir da implementação dos referidos projetos indicam como principais dificuldades: o não envolvimento de toda a comunidade escolar, a limitação de acesso à participação no projeto, a comunicação deficiente entre os diferentes atores, a ausência de metodologia adequada e a falta de recursos humanos e materiais adequados (Silva, 1999, p. 69). Como principais fatores facilitadores, foram verificados o apoio da direção, o interesse e a participação dos alunos no desenvolvimento dos temas, o perfil do professor já “capacitado” e o apoio da família (Silva, 1999, p. 69).

Feitas essas verificações, foi validada mais uma vez a necessidade de se viabilizar a educação sexual nas escolas. A educação sexual escolar como um espaço para re-significar informações e atitudes em prol da satisfação humana só continua acontecendo graças à dedicação cotidiana de pesquisadores e educadores que vêm batalhando e desenvolvendo projetos significativos na área. Os autores, além de sensíveis à temática, são imbuídos de ousadia e persistência

e passam a constituir a base da fundamentação teórica e metodológica da educação sexual nas escolas da rede pública brasileira.

Assim, os marcos teóricos que fundamentam a pesquisa foram estruturados a partir de leituras contextualizando o ensino de sexualidade, em que é abordado o papel do educador e do adolescente. A fundamentação metodológica encontrou suporte em referenciais que tratam da pesquisa participante de caráter dialógico e reflexivo. Encontrei contribuições e citações significativas nas obras de autores como Minayo, Triviños, Bogdan e Bicklen, Patrício, Vitiello, Ribeiro, Suplicy e Guimarães. Os projetos Transcriar/UFSC, Proposta Curricular da Secretaria Estadual de Educação e Desporto/SC; Como trabalhar a sexualidade na escola - CA/UFSC; Parâmetros Curriculares/Ministério da Educação e Cultura; Orientação Sexual da teoria à prática/Secretaria Municipal Educação de Bento Gonçalves/RS; e Biologia-sexualidade: Pró-Ciências CAPES/UFSC/SEED/SC influenciaram no sentido de compor a argumentação teórica e metodológica da pesquisa para construir o **Método**.

Imagino que, para defender a idéia de trabalhar a sexualidade na escola, é importante definir o que significa educação sexual:

Educar significa informar, orientar e aconselhar [...] é a parte do processo educativo especificamente voltada para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade [...] para tanto deve se apoiar numa metodologia participativa dialógica, reflexiva e apoiada na realidade sociocultural (Vitiello, 1995, v. 6 n. 1, p. 18-25).

Acredito que esse trabalho pode se pautar nas “necessidades” que são geradas na adolescência para moldar e arquitetar um **Método** educativo participativo capaz de servir de eixo básico para o desenvolvimento do trabalho do educador que deseja ensinar-aprender a sexualidade para o ser adolescente. O educador, ao tomar conhecimento que o **Método** emergiu a partir da realidade e das expectativas dos adolescentes, vai se sentir mais confortável e seguro em abordar essas questões. Para o entendimento dessa posição, encontro em Patrício a seguinte citação: “o ser humano é livre para pensar e é capaz de agir, de buscar, criar e manter recursos para atender suas necessidades de sobrevivência e transcendência” (Patrício, 1995, p. 56).

Numa perspectiva holística, temos a possibilidade de perceber e



**Conhecer** de variadas formas, incluindo técnicas que promovem prazer mútuo (pesquisador-pesquisado), como as pessoas vivem sua história, **compreender** os significados que dão às suas vidas e a auxiliá-las a identificar suas possibilidades e limitações de bem viver [...] possibilita que façamos a mediação no processo de transformação dessas limitações em possibilidades, através de diferentes técnicas de educação [...] tem abordagem micro, ao se deter no indivíduo e suas interações [...] tem abordagem macro [...] contexto socioculturais e naturais maiores (Patrício, 1995, p. 48, grifos meus).

Para tanto, é necessário pensar a escola pública. Como administrar a realidade da educação sexual na escola pública se os programas educacionais engatinham por falta de recursos humanos e materiais? Hoje é possível encontrar diversas justificativas que provocam o imobilismo institucional, pedagógico e da insatisfação que caracteriza e contagia o cotidiano escolar. É urgente que se rompa com esse imobilismo reconstruindo saberes pedagógicos que possam responder positivamente às necessidades. Portanto, cabe ao poder institucional, em suas mais diversas esferas, municipal, estadual e federal, assumir seu compromisso no sentido de manter a educação conforme as exigências do contexto social. Discutir as dimensões da sexualidade na escola,

É construir possibilidades do tamanho das nossas utopias. Não resolver e não responder a essas questões, que se atropelam e se avolumam independentemente de nossas vontades e opção, é ter consciência de que novos desafios e dificuldades irão se somar agravando ainda mais o cenário, sobretudo neste momento em que os setores sociais mais conservadores investem na desvalorização dos serviços públicos, contra as conquistas e comportamentos sociais ocorridos nos anos 60 (Moraes, apud Ribeiro, 1993, p. 252).

Parece que existe consenso de que é responsabilidade de cada cidadão e do Governo dar continuidade ao trabalho de educação sexual escolar que já foi iniciado, com o propósito de estimular a compreensão da sexualidade na adolescência.

Atualmente, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e Cultura e a Proposta Curricular de Santa Catarina da Secretaria

Estadual de Educação encaminham que o ensino da sexualidade deve ser contextualizado no Ensino Médio; no entanto, observo que a maioria das Escolas não está lidando com o tema, porque provavelmente existe carência de profissionais devidamente preparados, bem como de uma *proposta de ensino participativo que tenha emergido das necessidades dos jovens*.

A literatura aponta que,

Como regra geral, os Pais têm notória dificuldade em falar de sexo com seus filhos [...] surge importante inibição [...] dificuldades de cunho cultural, que somente serão superadas com muito esforço pessoal e grandes lutas internas, pois nós, adultos, somos inegavelmente filhos de nosso meio e de nossa época, sendo ao mesmo tempo agentes e vítimas dos preconceitos vigentes (Vitiello, 1998, p. 35).

Em momentos de ensino/aprendizagem participante na área da sexualidade da adolescência encontrei o seguinte depoimento:

Mais que aprender conteúdos e técnicas e trabalhar o referencial do grupo [...] conseguem ressuscitar o adolescente dentro de nós, reviver nossa adolescência e compreender nosso comportamento, como adulto, em relação à adolescência do outro; percebemos nossas limitações e possibilidades, o que é preciso manter da adolescência e o que precisa ser ainda lapidado (Patrício, 1994b, p. 105).

Partilho desses sentimentos que emergem da nossa vivência, pois isso reforça ainda mais a minha idéia de que, a partir das expectativas e necessidades dos adolescentes, pode ser criado um **Método** pedagógico para facilitar o ensino de sexualidade com os jovens.

Os encaminhamentos ditados pela proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais-MEC, além de se preocuparem em promover a saúde dos jovens e realizar uma orientação sexual sistematizada permeada de discussões/reflexões sugerem que o trabalho de orientação sexual ocorra no

[...] âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual [...] isto quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou Professor (PCN/MEC, 1998, p. 299).

Percebo que a Proposta Curricular SEED/SC para o Ensino Médio defende a educação sexual nas escolas quando faz a seguinte colocação:

Vale a pena insistir: a sexualidade é construção única e exclusivamente humana. Só o ser humano é capaz de dar sentido, dar significado, atribuir valores, regulamentos e normatizar os relacionamentos afetivos, amorosos e sexuais. Cada povo, em cada tempo e lugar, cria, recria, busca formas para viver e expressar a sexualidade. O que hoje em nossa cultura parece óbvio, acabado e definitivo, continua em movimento [...] assim como acontece em outras culturas e num mesmo período histórico, porque tudo está em constante transformação (SEED/SC, 1997, p. 17).

Entendo que a Escola, ao definir como uma de suas competências o ensino de sexualidade, deverá buscar recursos humanos e pedagógicos permeados pela constante pesquisa e a re-contextualização de temas. Portanto, o **Método** que ora temos a intenção de compor se propõe a subsidiar o trabalho do Educador, que, comprometido em proporcionar mudanças, promove um ensino de sexualidade na dimensão biológica, psicossocial e cultural para o Ensino Médio.

Essa proposta de **Método** pedagógico para o ensinar-aprender a sexualidade pode se estruturar a partir de necessidades e possibilidades dos adolescentes participantes, cuja busca de significados e a oportunidade de crescimento pessoal passam a constituir:

A dinâmica dos trabalhos buscava refletir justamente e referencial que cada um trazia para o grupo. Isso significa refletir sobre si mesmo, sobre as dimensões humanas, incluindo relações quotidianas e com o mundo geral, e o reflexo dessas interações na sua saúde integral (Patrício, 1994b, p. 105).

Sob um olhar holístico e ergonômico, temos a intenção de que esse ensinar-aprender sexualidade seja percebido como um bem individual a serviço do enriquecimento e crescimento harmonioso da pessoa humana. Assim, a tarefa do educador de implementar um Ensino Participativo em Sexualidade é ousada, dinâmica e vivencial. Parto do princípio de que o homem biológico é um todo indissociável:

Esse ser, quando vem ao mundo, vem com possibilidades de ser, estar, fazer e ter, necessitando especialmente no início, na infância e **adolescência**, da mediação dos adultos para crescer, desenvolver e transcender (Patrício, 1995, p. 54).

Possivelmente, a preocupação em tornar a vida dos educadores e adolescentes a mais harmônica possível envolve compreender os significados que a relação trabalhador/educador e o produto-adolescente atribuem às suas vidas e destas com o meio.

A prática educativa participativa centrada no diálogo e voltada para a compreensão dos significados promove troca de saberes e mudanças no sistema de crenças. Surge um clima de satisfação e prazer tornando confortável o desenvolvimento do trabalho. Parafraseando Patrício (1995), o prazer pode significar um elemento básico, a existência humana saudável. Assim, favorece a interação educativa de dupla sintonia, ou seja, ambos educador e adolescente desenvolvem estados de prazer e satisfação abrindo possibilidades de viver e ser saudável. O olhar holístico contribui com o educador-adolescente considerando-o como um todo, nas suas mais diversas interações sociais durante todo o seu processo de viver. As ações que satisfazem as suas necessidades são produzidas individual e coletivamente a partir da disposição, do desejo, da cultura e de possibilidades.

Assim, o **ser adolescente** deve ser encarado na escola como um ser humano em formação, mas que já carrega consigo toda uma bagagem biológica e histórico-cultural que o tornam único. Portanto, dispensar um olhar holístico aos interesses do ser adolescente, da sociedade e da natureza é também competência dos adultos, isto é, da família e da Escola.

Tannahill (1983) considera que a **adolescência** como categoria foi elaborada no século XVIII, no bojo da Revolução Industrial, englobando grupos de mesma idade. Desde então se percebeu o florescimento progressivo de conflitos entre adultos e adolescentes que procuravam viver por antecipação; inclusive o exercício da sexualidade era igualmente precoce. Acredito que as necessidades sexuais prematuras eram suscitadas pelo próprio contexto em que os adolescentes eram criados, provavelmente sem os devidos cuidados que essa fase da vida requer. Os moralistas desenvolviam movimento de proteção da inocência, da

castidade e da abstinência pré-conjugal e combatiam veementemente a prática masturbatória. A expansão do puritanismo, a dissimulação da sexualidade e a ausência de conhecimentos entre os jovens provocaram e provocam até hoje a necessidade de esclarecimentos quanto à sexualidade.

A “Organização Mundial de Saúde – OMS, para fins de padronização, fixa entre os 10 e 20 anos de idade os limites da adolescência” (Vitiello, 1994, p. 148). Corresponde à fase do desenvolvimento humano situado entre a infância e a idade adulta. A adolescência – “adolescere” – vem do latim e significa crescer, de acordo com o dicionário Aurélio (1979). É a fase da vida que se caracteriza por intensas mudanças biológicas e psicossociais:

O corpo cresce, novas funções surgem, a mente se desenvolve, o ambiente se modifica, a qualidade das sensações afetivas e sexuais se transformam. Tudo isso provoca no jovem uma série de crises que vão tendo de ser superadas uma a uma, com maior ou menor dificuldade, sem o que o desenvolvimento natural é dificultado (Moretti e Rovani, 1996, p. 205).

A adolescência pode ser compreendida como um período situado entre a maturidade biológica, que se caracteriza pelo amadurecimento sexual e o despertar para questões sócio-sexuais e afetivas.

É a fase das descobertas, onde ocorre a exploração do corpo, do desejo, da emoção, do apaixonamento, da atração sexual e das fantasias sexuais. A abordagem da sexualidade com os jovens não deve se limitar ao tratamento somente de questões biológicas e reprodutivas. Devemos nos reportar ao aspecto do encantamento dos vínculos afetivos, difundir a sexualidade como mais uma forma de viver saudavelmente e não como a única fonte capaz de proporcionar prazer.

De acordo com Money (1975), a incorporação da estereotipia sócio-sexual acentua-se à medida que o indivíduo cresce, efetua-se a partir do arcabouço biológico, psicossocial e cultural do ser homem – competitivo, agressivo, racional, forte, seguro, independente, poligâmico – e do ser mulher – passiva, delicada, sensível, não-competitiva, recatada, vaidosa, coquete, monogâmica. Esses aspectos conservadores ainda existem e, infelizmente, ainda são tradicionalmente transmitidos às novas gerações como valores – verdades incontestáveis – tanto

que os indivíduos que “fogem dos padrões” são marginalizados. A experimentação dos vínculos afetiva e amorosa provoca curiosidade sexual, proximidade de contato corporal, amor, ansiedade e paixão, e a partir dessas experimentações os adolescentes passam a testar os seus *poderes mágicos de sedução e prazer*.

A vivência da sexualidade na adolescência pode ocorrer de diferentes formas, de acordo com o contexto social. Através da aquisição de conhecimentos pode haver desde o esclarecimento das dúvidas até a transformação de concepções. Nesse sentido a escola pode atuar e ampliar o diálogo e a reflexão, a fim de elucidar questões e auxiliar o jovem na superação de suas dificuldades.

As peculiaridades desse momento de vida do ser adolescente são de certa forma negligenciadas pelo meio social, portanto parece lógico que os educadores disponham de princípios básicos que os auxiliem no preparo dos adolescentes para uma prática sócio-sexual mais abrangente. Então, surgiu a idéia de pesquisar-compor um **Método** de Ensino Participativo. É indispensável compartilhar esse ensinar-aprender a sexualidade com a família. A parceria pode ser estabelecida de forma que a escola complemente o que é iniciado no lar, suprimindo lacunas, combatendo preconceitos e desenvolvendo o respeito pelo corpo e por sentimentos. O método é participativo na medida em que os jovens, de acordo com seus contextos, vão construir momentos de transformação e compreensão dos valores sócio-sexuais.

Os educadores que trabalham na área da sexualidade são motivados por um assunto de profundo significado na vida de todos, pois o tema ainda se mostra com a fragilidade do novo. Esse desafio desperta, além do interesse e da paixão, o “desagrado” no meio escolar, em função dos preconceitos e “vergonha” que são estabelecidos na relação educação e sexualidade. O posicionamento coletivo da equipe escolar e da família interagindo no processo pedagógico é tarefa fundamental para a construção de modelos sócio-sexuais menos estereotipados (Lima e Medeiros, 1999).

Percebe-se que o trabalho do educador e do adolescente no processo de ensinar-aprender a sexualidade se dá a partir da produção de conhecimento e da participação dos envolvidos, de modo que possam refletir no desenvolvimento de possibilidades em prol de conviver com satisfação e harmonia nesse processo. A relação homem/trabalho construída historicamente foi evoluindo e sofrendo as

devidas especializações profissionais. Conseqüentemente, emergiram dificuldades e, então, foi surgindo a preocupação em adequar melhor as condições da atividade do trabalhador. Essa possibilidade em tornar mais agradável a tarefa do trabalhador passou a ser investigada pela ciência denominada Ergonomia.

Creio que a Ergonomia, através dos conhecimentos já adquiridos, pode propor mecanismos capazes de tornar mais agradáveis as condições de trabalho do educador e do adolescente na tarefa de ensinar-aprender.

No dicionário Aurélio (1979) a palavra **trabalho** significa aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; e **trabalhador** é aquele que efetua o trabalho.

Considerando o **homem e o trabalho**, Montmollin (1990) aponta a **Ergonomia** (gr: ergon = trabalho e nomos = lei, regras) como uma ciência que utiliza as demais ciências para dar o suporte necessário capaz de adequar melhor as condições das atividades humanas de trabalho.

Na história da humanidade a convivência do homem com a natureza se estabeleceu através de formas de exploração e transformação dos recursos naturais [...] utilizou-se de elementos da natureza (Waltrick, 1996, p. 27).

De acordo com os conhecimentos de Wisner (1994), a Ergonomia se preocupa com a adaptação do homem ao seu ambiente de trabalho.

Considerando o conhecimento, Montmollin (1990) descreve a Ergonomia cognitiva como aquela que se preocupa em verificar os processos comportamentais e mentais associados à atividade do trabalhador. A Ergonomia cognitiva, de acordo com os pressupostos de Montmollin (1990), se preocupa com a *articulação dos conhecimentos* que provêm de conhecimento aprofundado do trabalho; o *saber-fazer* baseado na experiência do trabalhador; os *modos de raciocínios* capazes de resolver problemas que surgem mediante as variadas situações de trabalho; as *estratégias cognitivas* que permitem a organização da atividade humana tendo por base a planificação, obtendo-se como resultado a produção; as *comunicações*, que são instrumentos específicos que permitem ações interativas homem/trabalho/ambiente.

Nessa perspectiva, percebo que podemos extrair desses pressupostos a fundamentação necessária para compor, estruturar e organizar o **Método** pedagógico, de modo que as ações interativas pertinentes ao trabalho do educador e do adolescente possam ocorrer da forma mais adequada possível.

Creio que a intenção da Ergonomia cognitiva de ativar os processos de trabalho se encaixa perfeitamente na atividade do trabalhador-educador em sua realidade, no sentido de buscar "recursos" que o possibilitem desenvolver adequadamente o trabalho.

A partir de princípios holísticos e ergonômicos, a *atividade humana de trabalho* é compreendida como um componente fundamental do contexto sociocultural do ser humano, que tem a pretensão de contribuir para o bem-estar.

Considero o **Professor-Educador** aquele que efetua um trabalho, ou seja, um **Trabalhador da Educação** que desenvolve um processo pedagógico devidamente planejado, com os respectivos instrumentos de trabalho, e que tem como produto desse trabalho o saber do aluno. O saber e o *saber-fazer* são condições fundamentais na atividade de trabalho do Educador, que tem por objetivo o *produto-adolescente*.

Codo escreve que o local indicado para se recuperar essa atividade é a **Escola**, onde há um profissional capaz de reconstruí-la: o **Professor**. "Educar, portanto, é o ato mágico e singelo de realizar uma síntese entre o passado e o futuro [...] ensinar o que foi para inventar e re-significar o que será" (Codo, 1999, p. 43).

Em suma, para o educador, "o processo de trabalho se inicia e se completa em uma relação estritamente social permeada e carregada pela história [...] onde o afeto é componente tácito do trabalho" (Codo, 1999, p. 47). Patrício (1995) e Codo (1999) pontuam a satisfação e o prazer como sentimentos que podem ser gerados no contexto da atividade humana de trabalho.

Assim, o **Educador** é um ser humano que desenvolve um **trabalho**, uma atividade social-escolar e transformadora, capaz de fazer desabrochar o apetite natural e a criatividade dos educandos para o saber. Logicamente, para que se efetue essa transformação, é necessária uma reestruturação da práxis dos educadores que esteja de acordo com as novas concepções do meio escolar.



Ao mesmo tempo em que o **Método**, como recurso ergonômico, se coloca como facilitador do processo pedagógico, também age sobre o produto-adolescente, conseqüentemente ocorre a atividade de dupla sintonia em que o trabalhador e o adolescente compartilham a construção do saber. A adaptação-harmonia dessa situação tem repercussão na satisfação e bem-estar dos envolvidos e de seus pares.

O **Método** educativo se propõe a olhar a atividade do educador e do adolescente a fim de mediar transformações no sistema de crenças e valores do educador e do adolescente em prol das suas necessidades individuais e coletivas do viver saudável. A aplicação e o desenvolvimento dos preceitos holísticos e da Ergonomia cognitiva podem proporcionar melhor desempenho e produção no processo de trabalho, bem como de mais satisfação na atividade cotidiana do trabalhador.

Os preceitos holísticos e ergonômicos do trabalho nos levam a compreender a atividade humana partindo do pressuposto de que cada gesto está inserido num contexto maior. Assim, cada ação humana carrega em si toda a história da humanidade e todos os seus significados.

O Educador pode ser entendido como um “*construtor e aprendiz*”, que prepara os jovens para o desenvolvimento de uma mentalidade conscienciosa. A concepção de Freinet é a de que “*Somos todos aprendizes*” porque buscamos nas *pesquisas* brechas e vieses que dêem suporte à construção de novos saberes. A “*Educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra da vida*” (Freinet, 1991, p. 7).

Penso que essas considerações permitem olhar a atividade do educador em sexualidade e compreender que uma das preocupações que surgem na escola pode ser analisada nesta citação:

A atitude do professor em relação às expressões da sexualidade dos alunos, no sentido de acolhê-las, ou repudiá-las é fundamental para o direcionamento do trabalho de orientação sexual tendo em vista que é pelas suas atitudes que eles conhecerão o seu posicionamento frente a sexualidade, o que, sem dúvida alguma lhes servirá de modelo. Por este motivo, mesmo quando não falam diretamente e abertamente sobre o sexo, os professores “ensinam” aos alunos valores e condutas por intermédio das suas

reações, nem sempre conscientes, frente aos temas sexuais (SMEDBG/RS, 1999, p. 9).

Assim, o Educador como adulto, portanto à mercê dos preconceitos vigentes e ainda sem a devida capacitação, percebe-se inseguro e, em geral, não se coloca à disposição para ensinar-aprender a sexualidade. Então, o impasse está estabelecido: quem vai ser o educador em sexualidade?

A postura do educador para desenvolver o ensino de sexualidade pode ser examinada conforme os PCN-MEC na argumentação seguinte:

É necessário que o professor tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com os jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens [...] reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus. Tal postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, e informação e o debate sem a imposição de valores específicos (PCC/MEC, 1998, p. 303).

Mediante os programas “oficiais” de longa duração que foram avaliados e validados, é possível destacar os seguintes atributos que foram ventilados para vir a compor

[...] o perfil do educador sexual: a facilidade de contato com os adolescentes, a instalação do diálogo franco e aberto, tolerância quanto aos vários modelos sócio-sexuais vigentes, os conhecimentos adequados extraídos de cursos de capacitação docente e/ou especialização na área e a satisfação em trabalhar com o ensino de sexualidade (Vitiello, 1998, p. 36).

Nas avaliações das capacitações em Sexualidade é comum encontrar depoimentos positivos quanto a trabalhar a Educação Sexual. A criação de novas atividades de ensino aumenta a motivação dos docentes e melhora a relação entre educador e adolescente. O educador torna-se referência na escola e, conseqüentemente, ocorrem mudanças pessoais, profissionais e familiares.

Influencia toda a escola, melhorando a qualidade da educação global (Campos, 1999, p. 70).

Concordo com os esclarecimentos de Vitiello quanto ao perfil do educador sexual que seria ideal para trabalhar a sexualidade com os adolescentes de hoje:

É fundamental que o educador tenha sua adolescência perto de si, qualquer que seja sua idade cronológica, e que conserve sua capacidade de amar. Deve ainda estar ele bem adequado com sua sexualidade, tendo a coragem de desafiar seus próprios tabus e preconceitos, reconhecendo suas próprias falhas. Finalmente o educador deve cultivar em alto grau a tolerância, furtando-se do julgamento fácil (Vitiello, 1994, p. 210).

Acredito que o compromisso de conceber uma proposta pedagógica passa por uma reflexão conjunta com a comunidade escolar e que estas sejam compatíveis com a realidade humana e social de nosso País. É interessante olhar o desenvolvimento sexual como oportunidade de realização e satisfação individual e coletiva.

### 3 – O CONTEXTO DO ESTUDO QUALITATIVO PARTICIPANTE

A pesquisa qualitativa surgiu no início da década de 80 com o intuito de investigar os significados da realidade social dos sujeitos considerando a representatividade da fala individual que, conforme suas crenças, expressa o coletivo.

Conforme as considerações de Patrício, a pesquisa participante ou pesquisa-ação é aquela em que o próprio processo de desenvolvimento da pesquisa produz “além do conhecimento a possibilidade de transformar a realidade através da educação participante” (Patrício, 1999, p. 65).

A abordagem qualitativa capaz de investigar a intensidade das práticas humanas sociais e culturais promove a transformação do meio social:

Preocupa-se com os **significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes**, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis (Minayo, 1999, p. 22, grifo meu).

Para tanto, considera a participação do sujeito como elemento do fazer científico; “deste modo, a seleção dos problemas a serem estudados emerge da população envolvida” (Brandão, 1984, p. 52).

Na perspectiva de Bogdan e Bicklen (1994), encontro elementos que caracterizam os pressupostos da pesquisa qualitativa. Assim:

- A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador com instrumento-chave.
- A pesquisa qualitativa é descritiva.

- Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e com o produto.
- Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente.
- O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Parafraseando Minayo e Sanches (1993), a abordagem qualitativa coloca a subjetividade humana e o simbolismo como forma de compreender essas ações através de seus significados. Considera que, a partir da aproximação e da intimidade do sujeito com o processo da pesquisa, a percepção do fato social analisado será mais significativa.

Conforme o referencial do cuidar-holístico (Patrício, 1995), que é fundamentado por princípios da pesquisa qualitativa, a participação do sujeito, e o próprio ato de pesquisar, “já desenvolve possibilidades de transformação da realidade em razão do enfoque educativo que o envolve” (Patrício, 1995, p. 64). A pesquisa participante, sob a ação da abordagem qualitativa, proporciona momentos de interação caracterizados pelo processo dialógico e reflexivo que aponta a realidade de modo a repensá-la.

A pesquisa participante em torno dos aspectos teóricos e práticos avança em seus delineamentos sistemáticos, apresenta tentativas muito valiosas, frente aos problemas da pesquisa qualitativa e **na busca de alternativas metodológicas para a investigação em educação** (Triviños, 1987, p. 118, grifo meu).

As considerações apontam que o referencial da pesquisa qualitativa tem fundamentado em suas crenças que o material de investigação e análise da realidade dos significados situa-se na prática social e no processo dialógico dos sujeitos.

A fala dos sujeitos torna-se reveladora de condições estruturais [...] ao mesmo tempo, possui a magia de transmitir, através do entrevistado, representações de grupo determinadas em condições históricas e culturais específicas (Minayo e Sanches, 1993, p. 245).

Na verdade, a abordagem qualitativa trabalha sob a orientação de duas vertentes: numa elabora teorias, metodologias, princípios e produtos, e na outra inventa, ratifica, compartilha saberes e investe sempre na busca de novos caminhos e desafios.

A pesquisa qualitativa participante na investigação com sujeitos humanos se apóia especialmente nestes princípios éticos:

A identidade do sujeitos deve ser protegida; os sujeitos devem ser tratados respeitosamente e de modo a obter a sua cooperação na investigação; ao negociar o aceite para o estudo todos os termos devem ser respeitados até a conclusão do estudo; ser autêntico quando escrever os resultados (Bogdan e Biklen, 1994, p. 77).

Partindo dessas idéias de Minayo e Sanches (1993), Bogdan e Bicklen (1994), Minayo (1999), Triviños (1987) e Patrício (1994a, 1995), que apontam a pesquisa qualitativa como sendo a mais adequada para a pesquisa dos comportamentos sociais, encontro reforço em seus encaminhamentos metodológicos para compor o **Método** educativo, a partir da compreensão dos significados e das expectativas do ser adolescente na compreensão da sexualidade. A ação participante favorece o aparecimento de pontos que normalmente não emergem num processo de ensino/aprendizagem rotineiro e ainda permite a minha atuação como pesquisadora, dando-me ampla liberdade metodológica para desenvolver o estudo. Essa proposta fecha com a minha intenção de construir um método de ensinar-aprender para subsidiar trabalhadores do Ensino Médio a lidar com o ensino de sexualidade por meio da abordagem sociocultural participante.

### 3.1 – Tipo de Estudo

Este estudo é caracterizado como qualitativo, na modalidade de pesquisa participante. A investigação dos comportamentos sociais sob o enfoque da pesquisa participante utiliza o sujeito como agente do fazer científico, com o objetivo de promover benefícios individuais– coletivos e educativos.

O processo de pesquisa participante de conhecer-agir envolve a população como um todo, é coletivo, é uma experiência educativa "*que enfatiza a ligação teoria prática, entre conhecer e agir, entre pensar e intervir*" (Brandão, 1984, p. 125). Creio que a dinâmica que melhor se encaixa com os objetivos da pesquisa participante é a **atividade-oficina**, por se tratar de uma vivência que se apóia na realidade do indivíduo, com o objetivo de transformar e construir saberes.

Conforme os referenciais da pesquisa participante de Minayo (1999), Patrício (1995-1999) e do Núcleo Transcriar-UFSC (1996) a observação, organização, reflexão e análise dos dados ocorreu desde o início da pesquisa. O processo de categorização e a síntese final dos dados resultaram no produto final, que é o **Método** de ensinar-aprender a sexualidade para os adolescentes.

### 3.2 – Sujeitos, Local e Período do Estudo

Na pesquisa participante o “pesquisado” é caracterizado como sujeito que participa ativamente da pesquisa, desde a identificação das necessidades e expectativas até a verificação das possibilidades.

A pesquisa participante com os **adolescentes**, sob a forma de oficinas, foi realizada com um grupo de 23 sujeitos-adolescentes que são alunos regularmente matriculados na 1ª série do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. Têm em média 15 anos. São 11 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Pertencem à classe média menos favorecida.

O Colégio de Aplicação foi criado, em 1961, com o intuito de desenvolver e aprimorar o ensino, a pesquisa e a extensão, visando a inovações pedagógicas para servir de referência às escolas da comunidade e, ainda, para ser campo de estágio aos cursos de licenciatura da UFSC. Desde 1987 vem sendo desenvolvido nas 5<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental e nas 1<sup>as</sup> séries do Ensino Médio um projeto de Educação Sexual. Para tanto, foi conquistado o espaço de 1h/aula semanal.

A maioria dos sujeitos da pesquisa é aluna desse colégio desde a 1ª série do Ensino Fundamental, portanto já vivenciou momentos de educação sexual na 5ª série deste ensino.

O acesso ao campo de pesquisa foi solicitado (Anexo 1), ao Diretor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, a partir do projeto final de pesquisa. Foi levantado o aspecto tempo, pois existia a necessidade de se ocuparem espaços de 2h/aula para o desenvolvimento de uma atividade-oficina. A conquista desse espaço ocorreu em função da gentileza e também da sensibilização de alguns educadores da turma para com a proposta da pesquisa. Ao ser concedida a autorização, iniciei a pesquisa numa turma do Ensino Médio do Colégio de Aplicação, no período de junho a setembro de 2000.

### **3.3 – Vivenciando o Processo do Estudo: a interação sujeito/pesquisadora/ambiente**

A pesquisa participante compreende a realidade social a partir do próprio contexto onde os fenômenos acontecem. Para tanto, o processo participante requer um estudo exploratório para subsidiar a entrada, a permanência e a saída do campo de pesquisa. Esses momentos e o tempo para cada um desses passos dependem das especificidades do estudo. Portanto, orientado pela fundamentação da metodologia da pesquisa participante de Minayo (1999), Patrício (1995, 1999) e do referencial do núcleo Transcriar-UFSC (1996), o estudo foi desenvolvido em três etapas: ***entrando no campo, ficando no campo e saindo do campo***.

#### 3.3.1 – Entrando no campo: a aproximação e a exploração

O ***entrando no campo*** é considerado por Patrício

[...] como os primeiros momentos de interação com o contexto onde será desenvolvido o estudo [...] as ações desse processo possibilitam conhecer o campo, é identificado como o período da pesquisa exploratória [...] desde o escolher os sujeitos e negociar todo o processo incluindo o planejamento participativo [...] a aproximação com os sujeitos, assemelha-se como a um tipo de namoro (Patrício, 1999, p. 69).



Parafrazeando Minayo (1999), a *entrada no campo* significa o momento em que o pesquisador “entra” no campo de pesquisa e é indicado como o primeiro passo para a *aproximação* com os sujeitos, de modo a estabelecer os vínculos necessários a uma participação espontânea deles. A seguir, deve ser apresentada a proposta de estudo onde se negocia todo o processo investigativo:

É preciso termos em mente que a busca das informações que pretendemos obter está inserida num jogo cooperativo, onde cada momento é uma conquista baseada no diálogo e que foge à obrigatoriedade (Minayo, 1999, p. 55).

Minayo (1999, p. 56) pressupõe “*um cuidado teórico-metodológico com a temática a ser explorada*”, ou seja, que a atividade de pesquisa não pode se restringir apenas a técnicas sofisticadas para a coleta de dados. Deve se preocupar também com os *vínculos* e os *compromissos afirmados* entre o pesquisador e o pesquisado e, ainda, com uma *programação organizada* de maneira a compreender o fenômeno estudado.

No momento de *aproximação* com os sujeitos são desenvolvidas técnicas de observação e diálogo de modo que os vínculos possam ser estabelecidos, desde a apresentação da proposta de estudo e de sua metodologia até as questões éticas. A identidade dos sujeitos deve ser resguardada.

Conforme a orientação dos princípios da pesquisa participante referenciada por Bogdan e Biklen, a ***entrada no campo de pesquisa*** foi a mais discreta possível, de modo a assegurar que a participação e a cooperação natural dos sujeitos na *coleta de dados* ocorra da forma mais espontânea possível.

O *entrando no campo* neste estudo foi o *primeiro passo* da pesquisa que se caracterizou pela minha *aproximação*, como pesquisadora, dos sujeitos no campo de pesquisa. O *campo* é o espaço físico onde se desenvolve a pesquisa participante. Apresentei-me pessoalmente e profissionalmente e também expus a proposta de pesquisa. Nesse momento de interação, falei das minhas expectativas e coloquei-me à disposição dos sujeitos para o esclarecimento de eventuais dúvidas. Salientei os aspectos éticos pertinentes ao estudo e ainda negociamos o tempo, a participação, o consentimento e o compromisso (Anexo 2) dos adolescentes-sujeitos na pesquisa.

O Colégio de Aplicação tem como rotina escolar prevista no seu calendário espaço para que se realize a reunião pedagógica de 1ª série do Ensino Médio. Então, ocupei este espaço para realizar os *encontros com os educadores* da turma. Assim, num *primeiro encontro*, apresentei o projeto final de pesquisa ao corpo docente da turma. E, no *segundo encontro*, apresentei uma síntese final da pesquisa, oferecendo aos educadores o produto da pesquisa, ou seja, o *Método educativo para trabalhar o ensinar-aprender a sexualidade*.

A partir do processo de aproximação com os adolescentes os encontros foram de 2 horas/aula semanais no campo de pesquisa, e o ambiente passou a ser as duas salas onde as atividades-oficinas foram desenvolvidas.

Após esses procedimentos, iniciei o processo de *coleta dos dados* que, conforme a orientação metodológica de Patrício, seria uma das etapas de ***ficando no campo***.

3.3.2 – Ficando no campo: a permanência para coletar, registrar e analisar os dados

O ***ficando no campo*** é entendido pelo referencial de Patrício (1999) e do Núcleo Transcriar/UFSC (1996) como o momento em que as técnicas participantes para a ***coleta dos dados*** são desenvolvidas.

Essas ferramentas, guiadas pelas questões básicas do estudo, possibilitam levantar profundamente expressões verbais e não-verbais do sujeito e identificar seus significados humanos [...] de tal forma que se consiga chegar o mais próximo da realidade que se quer compreender [...] nos métodos qualitativos entende-se que o instrumento – a ferramenta – principal é a pessoa do próprio pesquisador [...] seus processos de razão e sensibilidade, especialmente o uso de sua intuição e seus outros atributos humanos referentes à comunicação humana (Patrício, 1999, p. 71).

Na pesquisa participante, o ***registro dos dados*** torna-se de fundamental importância, já que consiste essencialmente de um processo descritivo e contínuo na tentativa de compreender os significados do contexto dos adolescentes. Para tanto, o *“investigador deve estar em permanente estado de alerta intelectual”*

(Triviños, 1987, p. 157). A pesquisa participante desenvolve-se em “*interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente*” (Triviños, 1987, p. 137), surgindo novas buscas e/ou recomendações para explorar mais adequadamente o estudo.

Na pesquisa qualitativa, a preocupação gira em torno da qualidade dos dados e não da quantidade. Os dados, à medida que vão sendo coletados, são registrados no “diário de campo”, onde se descrevem as notas referentes aos acontecimentos ocorridos no campo e as notas do pesquisador que tratam das reflexões e dos sentimentos a respeito do estudo.

O diário de campo é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congregando os diferentes momentos da pesquisa [...] quanto mais rico for em anotações esse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e à análise dos dados (Minayo, 1999, p. 63-64).

O **ficando no campo**, na verdade, se caracterizou como o *segundo passo* deste estudo. Foi quando se iniciou o processo investigativo propriamente dito, quando foi resgatado o objetivo e o método da pesquisa.

A técnica selecionada para dar conta de **coletar os dados** foi a atividade-**oficina**, especialmente por tratar-se de um processo participante no qual a produção de conhecimentos e transformações oportunas se processam. Apoiada pelo referencial do Núcleo Transcriar-UFSC (1996) e Patrício (1995, 1999), a “técnica de oficina representa um processo de transformações, produzido pelo próprio sujeito, através de atividades de diferentes tipos” (Patrício, 1995, p. 63). Essa ação educativa caracteriza-se por momentos de sensibilização/reflexão que favorecem o pensar e o discutir as práticas pedagógicas, tornando-as adequadas para lidar com os questionamentos dos participantes.

Mediados pela monitora/pesquisadora da *oficina* e imbuídos de criatividade, os jovens são sensibilizados por meio de diferentes técnicas e passam a apontar temas que emergem do seu contexto histórico-cultural, para constituir o **Método** educativo para os educadores-trabalhadores que desejam lidar com o ensino de sexualidade no cotidiano escolar.

A nova proposta de paradigma indica a importância da participação da subjetividade na construção do conhecimento, valorizando a dimensão individual-

coletiva, e essas interações, segundo Patrício (1999), colaboram nas transformações que ocorrem nos indivíduos participantes do processo educativo.

As *oficinas* concebidas como atividades de aprofundamento de conteúdos, de vivenciar situações, também se propõem a desenvolver a

Prática corporal que procura resgatar com as pessoas a visão de ser humano em sua dimensionalidade [...] afetivo, emocional, sensorial, intuitivo e criativo, o interpessoal e transpessoal (Patrício, 1999, p. 95).

A partir dos momentos vividos na *oficina*, pude perceber o quanto aflora de sexualidade em todo o campo de ação do ser humano; portanto, deduzi que a atividade-oficina preenche as condições adequadas para abordar essas questões de cunho sexual.

Assim, realizei com um grupo de 23 adolescentes 10 oficinas com 2h/aula cada, onde procurei criar situações para que os adolescentes pudessem vivenciá-las e projetá-las no seu cotidiano.

A pesquisa qualitativa participante foi sendo desenvolvida a partir do momento em que a atividade-oficina nº 1 (Anexo 4) foi acontecendo. Essa *oficina* iniciou-se com a apresentação dos participantes, através da *técnica da bolinha*. A monitora (pesquisadora) iniciou o jogo com a bolinha: falou seu nome, um hobby, um lazer, uma palavra que traduz sexualidade e suas expectativas. Após jogou a bolinha aleatoriamente para um dos participantes e, então, este se apresentou da mesma forma que a monitora e assim todos os participantes se apresentaram.

Nesse processo de pesquisa participante, consultando Minayo (1999), passei a definir estratégias que me auxiliassem no *registro dos dados*. Os dados foram sendo registrados em folhas soltas, por mim e também pelos sujeitos. Em alguns momentos recorri ao uso do gravador. Adotei como exercício, após o término de cada oficina, reunir todas as anotações e transcrições e a elas dedicar momentos de reflexão e análise. Assim, passei a registrar as sessões no '*diário de campo*' (Anexo 3), chamado por Minayo (1999, p. 63) de "*amigo silencioso*". Surgiu uma forma de registrar os dados, conforme a percepção de Patrício (2000), em momentos de orientação (Anexo 3), o que facilitou a anotação, a categorização e a leitura dos dados.

Todas as oficinas foram sendo realizadas conforme o indicado pelo referencial do Cuidado Holístico (Patrício, 1995, 1999) e do Núcleo Transcriar-UFSC (1996). As minhas vivências no cotidiano escolar me permitiram mediar as oficinas, de modo a levantar as expectativas e necessidades do grupo, provocando a reflexão e a transformação de ações. Para sistematizar o desenvolvimento das oficinas, construímos um **roteiro de oficina** que foi sendo aplicado, testado e reformulado para cada situação que se criou. A variação dos momentos ocorreu em função das necessidades e/ou dificuldades dos jovens mediante os pressupostos da pesquisa. Nos quadros 1, 2, 3, 4 e 5 apresento as 10 oficinas que foram desenvolvidas com os adolescentes participantes.

## Apresentando as oficinas: o adolescente participante

Quadro 1					
Titulo da oficina	Momento 1	Momento 2	Momento 3	Momento 4	Momento 5
As expectativas dos adolescentes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Iniciar a oficina com uma música para receber afetuosamente os jovens e compor um ambiente agradável para o desenvolvimento da oficina.</li> <li>- Resgatar os objetivos da pesquisa.</li> <li>- Firmar o compromisso com a pesquisa através da carta de aceite.</li> <li>- Solicitar a autorização para uso do gravador</li> <li>- Sensibilizar o grande grupo colocando a importância do processo participante.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação dos participantes através da <b>técnica da bolinha</b>. O monitor inicia o jogo com a bolinha: fala seu nome, um hobby, um lazer, uma palavra que traduz sexualidade e suas expectativas. Após, joga a bolinha aleatoriamente para um dos participantes e então este se apresenta da mesma forma que o monitor e assim sucessivamente. O registro de todas as palavras que traduzem sexualidade bem como das expectativas dos participantes deve ser feito numa folha de papel pardo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cabe ao monitor mediar o grande grupo, no sentido de refletir as <b>expectativas listadas no cartaz</b>. Os participantes devem levantar as expectativas que julgarem mais significativas no processo de trabalhar a sexualidade com o adolescente.</li> <li>- Através da <b>técnica busca de idéias</b>, que permite explorar a potencialidade criativa dos participantes (Antunes, 1998, p. 25), cada grupinho-oficina vai novamente pensar refletir as suas idéias sobre o que considera mais adequado no ensinar-aprender a sexualidade do adolescente e vai escrevê-las em tiras de cartolina. As tiras serão fixadas em local adequado. Os grupos vão apresentar suas idéias ao grande grupo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cabe ao monitor mediar o grande grupo, no sentido de selecionar e aprimorar as idéias que surgiram. Estas devem ser anotadas numa folha de papel pardo, constituindo o cartaz- expectativas e o cartaz- dúvidas.</li> <li>- Perceber os itens emergentes: o perfil do educador e as dúvidas dos sujeitos. Retornar a esses elementos no próximo encontro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Avaliação oral e escrita nos grupos e socializada no grande grupo.</li> <li>- A despedida será curtir uma música que foi selecionada pelo grande grupo.</li> </ul>
O adolescente participante compo o Método	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Colocar uma música suave para receber os adolescentes e tornar o ambiente agradável.</li> <li>- A sensibilização do grande grupo far-se-á através do resgate do cartaz-expectativas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Posicionamentos dos grupos a cerca do significado: * do ensinar-aprender a sexualidade; * da participação dos sujeitos na construção do Método.</li> <li>- As colocações das tiras e do cartaz- expectativa criados na oficina 1 foram lidos. Após o pensar-refletir foi perguntado aos grupos se é possível estabelecer relação entre os <b>posicionamentos</b> acima e as colocações do cartaz-expectativas.</li> <li>- Anotar as devidas relações numa folha de papel pardo. Checar se estas idéias que emergiram são significativas no processo de ensinar-aprender a sexualidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Após pensar-refletir os grupos vão fazer representar as idéias que emergiram. Para tanto haverá a disponibilidade dos seguintes materiais: papel pardo, folhas coloridas, revista (recorte-colagem), canetinhas, pincel atômico, lápis, tesoura, canetas, cola, lápis de cor, cartolinas, papelão, folhas secas... e outros à mercê da criatividade de cada grande grupo.</li> <li>- Cabe a monitora mediar as discussões.</li> <li>- Os grupos vão apresentar suas idéias ao grande grupo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pontuar os temas emergentes da pesquisa: <b>perfil do educador, o ambiente-tempo, os assuntos, os "jeitos" e os recursos, vêm</b> tomando forma e desde então iniciaram o esboço do "modelo pedagógico".</li> <li>- Selecionaram o assunto beijo para ser debatido no próximo encontro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Avaliação oral e escrita nos grupos e socializada no grande grupo.</li> <li>- A despedida será curtir uma música que será indicada pelo grande grupo.</li> </ul>

Quadro 2					
Título da oficina	Momento 1	Momento 2	Momento 3	Momento 4	Momento 5
Por que o beijo é gostoso?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Iniciar a oficina com uma música suave para receber os adolescentes de forma afetuosa e tornar o ambiente agradável.</li> <li>- Resgatar os objetivos da pesquisa e, ao mesmo, tempo o cartaz-dúvidas.</li> <li>- A sensibilização do grande grupo farse-á através de imagens de diferentes estilos de beijos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O grande grupo selecionou o assunto beijo para ser desenvolvido. Os sujeitos devem fazer uma leitura do texto “24 mil beijos”.</li> <li>- Os grupos vão se posicionar sobre o assunto tentando demonstrar uma maneira de representar a importância do beijo na cultura ocidental</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os grupos vão apresentar suas representações sobre o beijo.</li> <li>- Discutir o ato de beijar nos relacionamentos humanos.</li> <li>- Cada grupo vai pensar-refletir nas dúvidas já listadas e tentar categorizá-las conforme as necessidades do grande grupo.</li> <li>- Os registros serão feitos numa folha de papel pardo para validar no próximo encontro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As idéias que surgiram foram acrescentadas ao cartaz-dúvidas, para ser resgatado no próximo encontro.</li> <li>- Os sujeitos elaboraram um conjunto de itens para compor o perfil deles como grande grupo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação oral e escrita nos grupos e socializada no grande grupo.</li> <li>- A despedida será curtir uma música que foi selecionada pelo grande grupo.</li> </ul>
O Perfil do adolescente participante	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Colocar uma música suave para tornar o ambiente agradável. À medida que os adolescentes forem chegando serão cumprimentados afetosamente.</li> <li>- A sensibilização do grande grupo farse-á através das reflexões surgidas na oficina 3. Os sujeitos vão, mediante os itens propostos compor o perfil do ser adolescente que participa desse grupo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Distribuir balinhas para os sujeitos como forma de demonstrar afeto.</li> <li>- Cada indivíduo vai registrar numa folha suas percepções acerca do ser adolescente, a partir dos itens abaixo: 1 – CARACTERÍSTICAS PESSOAIS defeito qualidade o que mais gosto de fazer detesto o que mais gosto no meu corpo o que não gosto no meu corpo por que eu me amo como me sinto como ser adolescente 2 – MOMENTOS ADOLESCÊNCIA desafio alegrias emoções desejos o que quero ser preocupações com a sexualidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cabe ao monitor mediar o grande grupo, no sentido de registrar e checar se as características que emergiram são significativas para traçar o perfil dos adolescentes do grande grupo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Retomar o cartaz de assuntos, colocar uma música e jogar a bolinha. Quando a música parar deve ser acrescentado um novo assunto aos demais já selecionados ou validar os já existentes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Avaliação escrita individual e socializada no grande grupo.</li> <li>- A despedida será curtir uma música que será indicada pelo grande grupo.</li> </ul>

Quadro 3					
Título da oficina	Momento 1	Momento 2	Momento 3	Momento 4	Momento 5
O erotismo e a sexualidade sempre existiram?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Colocar uma música suave para tornar o ambiente agradável. A medida que os adolescentes forem chegando serão cumprimentados afetuosamente.</li> <li>- A sensibilização do grande grupo far-se-á através do resgate do cartaz-dúvidas: o erotismo e a sexualidade sempre existiu?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conforme o grande grupo selecionou abordaremos o tema "o erotismo e a sexualidade sempre existiu?"</li> <li>- Será apresentada uma seqüência de figuras que ilustram o erotismo que existia nas antigas culturas; desde a Idade Antiga, Média, até o século XX. Será também abordada a sexualidade na cultura oriental: indianos, japoneses, chineses.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Solicitar que os sujeitos produzam comentários das figuras que representam o erotismo nas antigas civilizações.</li> <li>- Solicitar que os sujeitos falem sobre suas percepções acerca da existência da sexualidade no mundo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cabe à monitora mediar o grande grupo, no sentido de selecionar e aprimorar as idéias mais adequadas à construção do Método; essas idéias vão ser anotadas numa folha de papel pardo para que sejam retomadas no próximo encontro.</li> <li>- O grande grupo selecionou o assunto corpo sexual masculino para ser trabalhado nos próximos encontros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação escrita individual e socializada do grande grupo.</li> <li>- A despedida será curtir uma música que foi selecionada pelo grande grupo.</li> </ul>
O corpo sexual masculino	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Colocar uma música suave para receber os adolescentes e tornar o ambiente agradável.</li> <li>- A sensibilização do grande grupo far-se-á através do resgate do cartaz-dúvidas... corpo sexual masculino.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abordar o corpo sexual masculino sob os seguintes aspectos: modificações desde a infância até a idade adulta da anatomofisiologia masculina; higiene do pênis/prepúcio; a cultura do tamanho do pênis, da ejaculação precoce e da impotência. O prazer masculino.</li> <li>- As discussões e informações serão trabalhadas com auxílio de transparências.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Brincar com tamanhos de pênis: os sujeitos vão traçar um gráfico com os vários tamanhos de pênis que conhecem e, após a apresentação destes e as devidas explicações biológicas, os sujeitos vão se aperceber dos novos significados sobre a biologia/cultura do pênis não-ereto e ereto.</li> <li>- Foi lançado o seguinte desafio para os sujeitos: por que os homens apresentam mais facilidade em desenvolver adequadamente/tranqüilamente sua resposta sexual?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As idéias selecionadas como mais significativas vão anotadas numa folha de papel pardo.</li> <li>- Os sujeitos solicitaram para o próximo encontro o corpo sexual feminino.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Avaliação escrita nos grupos e socializada no grande grupo.</li> <li>- A despedida será curtir uma música que será indicada pelo grande grupo.</li> </ul>



Quadro 4					
Título da oficina	Momento 1	Momento 2	Momento 3	Momento 4	Momento 5
Percebendo o corpo sexual feminino	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Iniciar a oficina colocando uma música suave para receber os jovens afetuosamente e tornar o ambiente agradável.</li> <li>- Resgatar os objetivos da pesquisa.</li> <li>- A sensibilização do grande grupo far-se-á através do resgate do cartaz-dúvidas... corpo sexual feminino.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abordar corpo sexual feminino, sob os seguintes aspectos: modificações desde a infância até a idade adulta da anatofisiologia feminina; higiene feminina da vulva e vagina. Conotação sexual-biológica da mama e da estética feminina: a posição da mília. Localização da vagina, hímen e clitóris. Uso do absorvente interno. O prazer feminino.</li> <li>- As discussões e informações serão trabalhadas com auxílio de transparências.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Para trabalhar a localização da vagina, hímen e clitóris, os sujeitos vão demonstrar num canudo de papel o tamanho da vagina a posição do hímen e do clitóris que conhecem; após a apresentação destes e as devidas explicações biológicas, os sujeitos vão perceber os novos significados sobre a biologia/cultura da vagina, vulva, hímen e clitóris.</li> <li>- Foi lançado o seguinte desafio para os sujeitos: por que as mulheres apresentam maiores dificuldades para desenvolver adequadamente/ tranqüilamente sua resposta sexual.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cabe ao monitor mediar o grande grupo, no sentido de selecionar e aprimorar as idéias mais adequadas à confecção do Método; essas idéias vão ser anotadas numa folha de papel pardo para que sejam retomadas no próximo encontro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação escrita nos grupos.</li> <li>- A despedida será curtir uma música que foi selecionada pelo grande grupo entre os CDs que ficaram à disposição do mesmo.</li> </ul>
Os assuntos e os jeitos de trabalhar a sexualidade na escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Colocar uma música suave para tomar o ambiente agradável. À medida que os adolescentes forem chegando, serão cumprimentados afetuosamente.</li> <li>- A sensibilização do grande grupo far-se-á através do resgate do cartaz com conteúdos selecionados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Será solicitado que os grupos realizem uma leitura sobre os conteúdos que vieram sendo selecionados no decorrer das oficinas.</li> <li>- Acrescentar novos assuntos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Validar os conteúdos que vêm emergindo no decorrer das oficinas já realizadas.</li> <li>- Cada grupo vai pensar-refletir novamente nos assuntos já listados e sugerir "jeitos" mais adequados para que os educadores possam ensinar-aprender a sexualidade com os adolescentes. Os assuntos que já foram trabalhados no grande grupo também devem ser validados da mesma forma que os demais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cabe ao monitor mediar o grande grupo, no sentido de selecionar e aprimorar as idéias mais adequadas à confecção do Método; essas idéias vão ser anotadas numa folha de papel pardo para que sejam retomadas no próximo encontro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação oral e escrita nos grupos e socializada no grande grupo.</li> <li>- A despedida será curtir uma música que será indicada pelo grande grupo.</li> </ul>

Quadro 5					
Título da oficina	Momento 1	Momento 2	Momento 3	Momento 4	Momento 5
O perfil do educador	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Colocar uma música suave para tornar o ambiente agradável.</li> <li>- Cumprimentar afetuosamente os adolescentes.</li> <li>- A sensibilização do grande grupo far-se-á através do resgate do cartaz-perfil do educador que foi aflorando desde o início da pesquisa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Validar as características para compor o perfil do educador.</li> <li>- Será solicitado que os grupos leiam o cartaz-perfil do educador, discutam as características listadas e, se necessário, acrescentem novos elementos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em seguida será distribuído o esboço de um boneco em papel pardo e uma folha com todas as características que já foram listadas. Cada grupo, a partir desses elementos, deve construir o educador que eles gostariam que trabalhasse o ensinar-aprender sexualidade com eles.</li> <li>- Cada grupo apresentou seu boneco.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cabe ao monitor mediar o grande grupo, no sentido de selecionar e aprimorar as idéias mais adequadas à confecção do Método. Essas idéias vão ser registradas numa folha de papel pardo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação escrita nos grupos e socializada no grande grupo.</li> <li>- A despedida será curtir uma música que foi selecionada pelo grande grupo.</li> </ul>
O espaço-ambiente	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Colocar uma música suave para tornar o ambiente agradável. À medida que os adolescentes forem chegando, serão cumprimentados afetuosamente.</li> <li>- A sensibilização do grande grupo far-se-á através do resgate dos registros que tratam do <b>espaço-ambiente</b> que os adolescentes foram apontando desde o início da pesquisa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Validar o espaço-ambiente que os adolescentes acreditam ser o mais adequado para trabalhar o ensinar-aprender a sexualidade.</li> <li>- Será solicitado que os grupos leiam os registros que já foram evidenciados pelo grande grupo.</li> <li>- Discutir as características para compor o ambiente adequado para que se desenvolva o ensinar-aprender a sexualidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em seguida será distribuída uma folha de cartolina, pincel atômico, papel crepom, celofane, papelão, barbante, revistas, cola, tesouras, para que cada grupo construa um modelo de espaço-ambiente que é considerado adequado para trabalhar o ensinar-aprender a sexualidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cabe ao monitor mediar o grande grupo, no sentido de selecionar e aprimorar as idéias mais adequadas à confecção do Método; registrar as idéias numa folha de papel pardo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação oral e escrita nos grupos e socializada no grande grupo.</li> <li>- A despedida será curtir uma música que será indicada pelo grande grupo.</li> </ul>

Com o desenvolvimento das oficinas foram surgindo determinados *elementos emergentes*, então passei a mediar o grupo, no sentido de fazê-lo refletir sobre quais os *elementos* que seriam mais significativos para ir compondo o **Método** de ensinar-aprender a sexualidade. O grupo passou a expor o produto de suas idéias, especialmente sob a forma de cartazes, que foram sendo problematizados ao longo das *oficinas*.

Após a exploração de cada assunto, sempre que necessário, foram criados novos momentos para reflexão e/ou validação dos *elementos*, como forma de favorecer os jovens no repensar-fazer suas vivências e, ainda, "*desenvolver outras formas de pensar, sentir e viver gerando novos saberes*" (Patrício, 1999, p. 95). Assim, em cada uma das *oficinas*, utilizei técnicas que auxiliavam no cumprimento dos objetivos da pesquisa.

Desde o início do processo participante, os adolescentes foram apontando *elementos* e questionamentos, tais como:

- Qual seria o educador apropriado para dar conta de desenvolver esse Método?
- Qual é o conteúdo do método de ensinar-aprender a sexualidade?
- Que estratégias os jovens apontaram como mais adequadas para desenvolver o conteúdo deste método?
- Qual é o perfil dos jovens participantes da pesquisa que foram compondo o método?
- Qual é o espaço, ambiente e tempo adequados para desenvolver esse método?
- Quais são os recursos e materiais necessários para o desenvolvimento do método?

Creio que esses *elementos* sofreram um processo de reflexão e foram traduzidos como os **temas emergentes da pesquisa**.

A pretensão de ousar e inovar passa pelo ato de associar os princípios dos novos paradigmas com o processo pedagógico do ensinar-aprender a sexualidade.

Com os dados organizados e devidamente registrados, a leitura de **análise dos dados** foi realizada conforme o referencial de Triviños (1987), Minayo (1999) e Patrício (1995, 1999) e do Núcleo Transcriar-UFSC (1996).

A análise dos dados nos métodos qualitativos é desenvolvida concomitante à coleta de dados, visto que se preconiza o desenvolvimento do tema estudado gradativamente de forma que um dado oriente a interpretação e compreensão dos dados, além de, em muitos casos, produzir para outros levantamentos [...] possibilita ao pesquisador voltar com os dados ao sujeito para validar sua compreensão, suas impressões e aperfeiçoar aqueles ainda não nítidos [...] permite ao pesquisador perceber o momento de saturação dos dados (Patrício, 1999, p. 72).

Segundo as idéias desses autores em pesquisa qualitativa, **a coleta, a análise e a interpretação dos dados** caminham lado a lado durante toda a trajetória do estudo, especialmente após a coleta dos dados. Passei, assim, a olhá-los atentamente e tentei compreendê-los à luz da realidade, contrastando-os com os referenciais teóricos, para, então,

[...] confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder as questões formuladas e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado articulando-o ao seu contexto cultural (Minayo, 1999, p. 69).

Para Patrício e a partir do referencial do Núcleo Transcriar/UFSC, o pesquisador utiliza a intuição reflexiva e criativa, buscando identificar as **categorias**. Para Minayo (1999), a proposta de “método hermenêutico-dialético” se preocupa com a fala dos atores sociais, que, situada em seu contexto, é mais bem compreendida. É necessário articular os dados da pesquisa com os referenciais teóricos para compreendermos os significados do contexto e os objetivos da pesquisa.

Já a partir da primeira oficina, emergiram idéias e expressões que foram sendo analisadas à luz dos objetivos, da compreensão e das representações socioculturais dos sujeitos e do referencial teórico do estudo. Entendo que a análise dos registros remete às significações e que, a partir destas, o processo de categorização remete e aponta para outros pontos emergentes.

Interpretando Minayo (1999), observo que a palavra *categoria* é empregada para classificar e/ou agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de uma temática capaz de abranger um todo. A proposta dialética para análise dos dados proposta por Minayo (1999), que consiste em situar a fala dos sujeitos em seu contexto histórico-social, permite uma leitura profunda dos registros, que me leva a contemplar e a responder os pressupostos da pesquisa uma vez que aborda as expectativas dos sujeitos diante de sua realidade. Afirmo que os referenciais teóricos associados ao processo de categorizar e analisar os dados remete a saberes e possibilidades que apontam para a construção do Método de ensinar-aprender a sexualidade.

A participação dos sujeitos é fundamental para compreender a realidade social de um determinado contexto, baseado-se em informações e reflexões.

Partindo do princípio que toda a transformação social passa por processos de educação e que educar é um processo contínuo de ensinar e aprender sobre culturas e sentimentos humanos, passar de modelos exclusivamente quantitativos para aqueles que incorporam componentes qualitativos, requer, antes de mais nada, um trabalho humano: um processo de transformação do próprio indivíduo, de auto-transformação (Patrício, 1999, p. 77).

Nessa perspectiva, buscamos nos pressupostos que tratam da técnica denominada *oficina* meios de agilizar atividades educativas voltadas para a aprendizagem. Assim, com a participação do sujeito e o desempenho do professor no

[...] papel de mediador e este como ferramentas, diversas técnicas qualitativas de colher, analisar e produzir dados, esse método caracteriza-se como um processo de educação holística que se constrói num movimento participante de ensinar e aprender, de pensar e sentir, de informar e refletir interdisciplinar, cuja dinâmica mostra um **ir e vir de interações culturais e afetivas** entre os participantes mediados pelo coordenador (Patrício, 1999, p. 77-78).

### 3.3.3 – Saindo do campo: agradecimentos e encaminhamentos finais

Patrício considera o **saindo do campo** como o terceiro momento da pesquisa, quando o pesquisador finaliza seu estudo junto aos sujeitos. Nessa etapa ocorrem as despedidas e agradecimentos e, também, a apresentação e devolução dos dados.

A saída de campo deste estudo caracterizou-se como o *terceiro e último* passo da pesquisa, que foi destinado a uma reflexão conjunta do pesquisador com os sujeitos sobre os momentos vivenciados na trajetória da investigação e, dessa forma, foi se processando a apresentação dos dados. Foi um momento de inúmeros agradecimentos e confraternização pela participação no estudo.

## 4 - O ADOLESCENTE: AVALIANDO E RECRIANDO IDÉIAS E ATITUDES

A literatura aponta como método de ensino aquele caminho pelo qual se chega à construção do conhecimento. Pode ser entendido como um processo de técnicas de ensino, de forma que os procedimentos utilizados sejam capazes de permitir que o processo educativo se efetue.

Para Yus, o método que se usa em ensino pode ter o seguinte significado:

Produto de um conjunto de decisões sobre diversos elementos didáticos constitui um aspecto pedagógico mais relevante para o professorado, especialmente pelo fato de que grande parte de seu trabalho se centra fundamentalmente nesse tópico (Yus, 1998, p. 170).

A partir da análise dos dados e das discussões e reflexões surgiram os **temas emergentes da pesquisa**, que foram tomando forma e desde então iniciaram o esboço do **Método** educativo que foi sendo projetado segundo as intenções dos sujeitos da pesquisa. Os *temas emergentes da pesquisa*, apontados segundo a percepção dos sujeitos, são os assuntos, os “jeitos”, o perfil do educador e do adolescente, o ambiente, o tempo, os recursos e o processo de avaliação. O Método pedagógico prevê e requer assuntos e estratégias adequadas para que se desenvolva o processo ensino/aprendizagem. Os dados da pesquisa indicam, além dos assuntos e estratégias, outros elementos que passaram a ser encaminhados como itens importantes na construção do *Método* de ensinar-aprender a sexualidade.

Os modelos educacionais vigentes têm sido amplamente questionados. Os jovens, sendo os atores principais do processo de ensino/aprendizagem, lançam seu olhar crítico sobre a escola e apontam as suas incapacidades. Foi pensado por Buratto e seus colaboradores (1998), evocar o imaginário do jovem a

participar de forma responsável, consciente e criativa da solução para inovar a educação escolar. Acreditando que os jovens possam ser agentes ativos desse processo, optei pela pesquisa participante com os adolescentes para ir compondo o **Método** de ensinar-aprender a sexualidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que a abordagem da sexualidade deve ser

[...] por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro [...] construindo de maneira significativa seu próprio código de valores (PCN, 1998, p. 307).

Pensando nesse encaminhamento, imagino que um **método** educativo que se proponha a trabalhar com a sexualidade exige a adoção de alternativas que possibilitem criar “espaços adequados” para debater/dialogar as questões sócio-sexuais e, a partir daí, romper as barreiras culturais que permeiam esse contexto. Creio que, através da atividade-oficina, por se tratar de uma dinâmica que se apóia na vivência dos participantes, podemos conquistar esses “espaços de liberdade e buscar uma outra forma de pensar, sentir, fazer e refletir” (Guerra, 1996, p. 160).

Assim, a atividade-*oficina* encontrou na pesquisa participante subsídios para extrair dos saberes e especialmente das representações que trazem as *percepções dos adolescentes sobre como os educadores podem trabalhar a sexualidade*.

Percebi que o *lúdico*, o *afeto* e a *música* são ingredientes especiais e fundamentais no desenvolvimento das dinâmicas, de modo que os participantes vivenciaram momentos de leitura, diálogo, debates, reflexões e busca de significados que contribuíram para o re-pensar suas necessidades e expectativas. A representação dos significados foi discutida e trabalhada em função da *convivência* e da *possibilidade de diálogo* que foram estabelecidas no espaço das oficinas, gerando o re-pensar e o construir ações.

Para construir o **Método** foram utilizados os **temas emergentes da pesquisa** que serviram de fio condutor e que serão abordados a seguir:

#### 4.1 – Dos conteúdos às reflexões teórico-práticas



- 4.2 – O perfil do adolescente
- 4.3 – O perfil apropriado do educador
- 4.4 – O ambiente adequado/próprio
- 4.5 – O tempo-espaço
- 4.6 – Os recursos e os materiais
- 4.7 – O processo de avaliação

#### 4.1 – Dos conteúdos às reflexões teórico-práticas

Analisando o processo participante relativo às dúvidas dos sujeitos, foi verificado que essas provocaram o surgimento dos assuntos que foram aparecendo, desde os primeiros momentos das oficinas. No entanto, à medida que o entrosamento e o processo de pensar/refletir ia acontecendo, mais e mais conteúdos tomaram forma. Com a categorização desses dados foi elaborado o quadro 6, que apresenta de forma pedagógica os assuntos que os adolescentes apontaram para compor o conteúdo do **Método** de ensinar-aprender a sexualidade.

##### Quadro 6

##### Assuntos

*Sentimentos e Respeito:* os limites na educação dos meninos e meninas, estereótipos sócio-sexuais, a educação sexual na família e na escola e os desentendimentos entre adultos e adolescentes.

O *erotismo* sempre existiu? A abordagem histórica da sexualidade.

*A Pele, o toque, o cheiro e as sensações.*

*Corpo sexual masculino:* modificações na infância, adolescência, vida adulta e no envelhecimento. Higiene do pênis (prepúcio). Cultura do tamanho do pênis. Influência da mídia na estética masculina. Resposta sexual: excitação, lubrificação, ereção e ejaculação. Por que os homens gozam mais rápido? Ejaculação precoce e impotência (próteses e viagra).

*Corpo sexual feminino:* modificações na infância, adolescência, vida adulta e no envelhecimento. Higiene da vulva: mucosidades, corrimentos e o de uso absorvente. Cultura biológico-sexual do seio e do hímen. Localização da vulva (pequenos e grandes lábios, clitóris) e vagina (hímen). Ciclo menstrual. Influência da mídia na estética feminina. Resposta sexual: excitação, lubrificação, ereção e orgasmo. Por que as mulheres têm mais dificuldade para gozar? Existe ejaculação feminina? E o ponto G?

*Construção da identidade sexual.*

*Contracepção e a gravidez na adolescência (abortar ou assumir?).*

*Doenças sexualmente transmissíveis e AIDS.*

Os assuntos que emergiram são os mais variados, desde os aspectos da educação de gênero até os sentimentos. Mas os que aparecem como as maiores preocupações dos adolescentes são os referentes aos aspectos da fisiologia do corpo sexual, das sensações e do prazer sexual.

Junto aos assuntos foi surgindo a expressão “jeitos”. Assim eles denominaram a maneira pela qual o processo pedagógico ia sendo conduzido nas *oficinas*.

Ah!, professora, explica de outro “jeito”. Se você mostrar de outro “jeito”, de repente a gente entende melhor.

Aos poucos fui compreendendo o que significa o “jeito” do professor ensinar para os adolescentes. Esse “jeito” seria a forma, as estratégias pedagógicas que os educadores podem dispor para que se estabeleça o processo de ensinar-aprender. É claro que não basta apenas aprender as técnicas, creio que o mais importante seria adaptá-las e adequá-las à realidade dos sujeitos. Quando eles solicitam “jeitos” diferentes, na verdade estão se referindo à essa adequação, mas, na maioria das vezes, os educadores não se dão conta dessa possibilidade do ato pedagógico. Considero que, para trabalhar a sexualidade com os adolescentes, não basta somente a transmissão do conhecimento, é necessário que se promova a aprendizagem de atitudes:

A **aprendizagem de atitudes** requer o reconhecimento por parte dos adultos, das características psicológicas e sociais dessa fase. É um aprendizado longo, complexo, contínuo e às vezes difícil para o adolescente, exigindo do professor a **criação de estratégias** que possibilitem o desenvolvimento das atitudes desejáveis (PCN-MEC, 1998, p. 77, grifos meus).

Ao analisar e interpretar as “falas”, verifico que os sujeitos se preocupam com a chamada educação global, que se compromete em contemplar não só os saberes como também os valores e os comportamentos.

Apresento nos quadros 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13 as “falas” que mostram as percepções dos sujeitos sobre os assuntos e os “jeitos” que foram sendo construídos ao longo do processo participante.

#### Quadro 7

##### O respeito pelo corpo e pelos sentimentos

O professor deve trazer textos que falem sobre o amor e relacionamentos afetivos na adolescência. Contar histórias sobre experiências amorosas, apaixonamento e saudade. Discutir os assuntos, através de algumas cenas ou.

figuras, que as pessoas podem contar suas experiências. Tentar passar para os adolescentes através de exemplos a importância do respeito na vida das pessoas. Usar algumas formas de mostrar o quanto o respeito é importante na convivência. Promover debate, onde os adolescentes possam expor suas idéias sobre o significado do respeito em casa, na escola, com os amigos, enfim em todos os lugares. É difícil perceber por que deve haver respeito, mas sabemos que é necessário, logo podemos falar sobre esse assunto para entendermos melhor seu valor. O professor pode usar exemplos e solicitar que os adolescentes dêem outros exemplos. Aprendermos a respeitar nosso corpo e sentimentos, sermos sensatos para viver bem na sociedade, não machucarmos as pessoas.

#### Quadro 8

Os relacionamentos entre os adolescentes e os adultos na escola e na família

*Deve-se discutir os limites na educação dos meninos e meninas, através de vídeos, debates, para percebermos o quanto a sociedade influencia na educação dos meninos e meninas, tomando os homens e as mulheres conforme os modelos já um tanto quanto ultrapassados, mas que, infelizmente, ainda é como os pais educam os filhos assim, de acordo com o que a sociedade prevê. A educação que recebemos ainda é muito parecida com a que nossos pais receberam, ou seja, não atualizada. A sociedade ainda molda seus meninos e meninas de uma forma muito conservadora. O mundo já mudou, temos que discutir novos encaminhamentos.*

*Deve-se debater sobre os desentendimentos entre adolescentes e adultos. Esse debate deve ser também com os pais a respeito da adolescência. Através de debates colocar para os adultos (pais, professores...) que os adolescentes têm que ser tratados como os adolescentes que são.*

*Por que os adultos se esquecem desse fato?*

*Por que os pais quase não conversam com os filhos?*

*A educação sexual deve ser trabalhada na família e na escola é*

fundamental que se tenha muito mais informações, com uma linguagem simples e clara, adequada a cada idade. Esperamos que esse trabalho auxilie alguns professores a trabalharem melhor com o ensino da sexualidade. Precisamos de informações corretas. As aulas devem ser divertidas e interessantes para entendermos os significados e, então, aplicá-los na nossa vida.

#### Quadro 9

##### O erotismo sempre existiu? Abordagem histórica da sexualidade

As figuras que a professora trouxe são ótimas e divertidas. Entendemos como era a sexualidade nas culturas mais antigas, brincar com as figuras e ler os textos ou vídeos serve para ilustrar ainda mais o erotismo nas culturas antigas. Deve-se debater esse assunto com o auxílio de figuras, assim temos a chance de aprender mais sobre nossa sexualidade tão falada mas ainda misteriosa.

#### Quadro 10

##### A construção da identidade sexual

Deve-se debater o assunto com textos, vídeos, para destruir o preconceito que é tão forte na nossa sociedade. Através de cartazes, matérias de jornais e revistas, filmes, documentários e, quem sabe, exemplos, podemos entender e absorver melhor o significado da homossexualidade/bissexualidade, para entendermos melhor essa coisa, pois por aí se diz de tudo... até que é doença. Deve-se ajudar a diminuir os preconceitos, então podemos ter mais respeito por essas

pessoas que têm sua imagem sexual comprometida perante a sociedade.

## Quadro 11

### O corpo, as sensações e o prazer sexual

O *toque na pele* mostrar por que a pele é responsável por tantas sensações; pode ser através de algum vídeo, modelo ou até mesmo mostrando diferentes toques/cheiros em diferentes regiões e solicitando que se fale sobre as diferentes sensações produzidas. Trazer textos que falem sobre as diferentes sensações eróticas que nossa pele é capaz de produzir. Mostrar como a pele tem associação com a sexualidade... é importante perceber esse significado... talvez um vídeo possa passar isso para os adolescentes.

O *corpo sexual masculino* através de transparências a atividade é massa porque aprendemos sobre a higiene e crescimento do pênis. A professora mostrou os tamanhos de pênis adultos... Importante... pra gente entender que o tamanho não importa para a satisfação sexual... apenas visual. Podem ser usados modelos para termos uma idéia mais próxima da realidade.

As figuras que a professora usou são interessantes e ajudam a tirar as nossas dúvidas e curiosidades sobre as partes masculinas e percebemos que a sociedade "inventa" muitos tabus sobre o tamanho do órgão sexual masculino. Aprendemos, quando a professora explicou a higiene do pênis... que os guris poderiam fazer xixi sentados e deveriam enxugar o pênis com papel, para secar a urina e não deixar mal-cheiro.

Através de gravuras é bom para esclarecer sobre as partes dos homens e também sobre as mulheres. Gostaríamos de aprofundar ainda mais esses temas... legal quando a professora falava dos adultos, mas chamava a atenção o tempo todo sobre os adolescentes que ainda estão em crescimento... senão, podemos ficar

preocupados. Temos que ter todos esses esclarecimentos para entendermos sobre nossa saúde e satisfação sexual. Pode-se aprender através de vídeos, figuras, transparências, modelos.

*O corpo sexual feminino:* é bom usar figuras, vídeos para esclarecer para as mulheres e também para os homens sobre os órgãos femininos. É bom utilizar modelos para imitar os órgãos verdadeiros. Gostaríamos de aprofundar ainda mais esses temas... Foi interessante porque, através de figuras, tiramos nossas dúvidas e curiosidades sobre as partes femininas e percebemos que a sociedade “inventa” muitos tabus sobre o corpo sexual feminino, principalmente sobre a estética. Aprendemos, quando a professora explicou a higiene da vulva e a localização da vagina, hímen e clitóris. É bem produtivo; aprendemos através de figuras e modelos sobre a vagina e outras coisas que ficam escondidas nela. Percebemos que ainda temos a aprender sobre a higiene da vulva, sobre o uso do absorvente interno e sobre aqueles “líquidozinhos” que saem em alguns momentos de lá. Modelar o corpo sexual de argila é bom para aprender mais sobre o nosso corpo.

## Quadro 12

A contracepção e a gravidez na adolescência.

*O que fazer quando ocorre a gravidez precoce? Abortar ou assumir?*

Ilustrar com exemplos situações assim... e debater até sensibilizar os adolescentes. Debater. Contar histórias de situações de gravidez precoce, colocar as conseqüências. Quanto mais se falar sobre o assunto, melhor. Assim a gente pensa sobre o assunto e aprende a se cuidar. Colocar as dificuldades de se ter um filho quando ainda se é adolescente.

*Conhecer os métodos:* trazer os métodos e ensinar os adolescentes a usá-los. Atividade prática com os métodos, para a gente conhecer os métodos e

aprender a usá-los e decidir sobre o mais indicado. Mostrar as camisinhas masculina e feminina. Trabalhar de forma descontraída e clara, apresentar os métodos, realizar atividade prática. Debater sobre o uso da camisinha como método mais adequado.

### Quadro 13

#### As doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS

Através de visitas a locais que tratam de pacientes com doenças sexualmente transmissíveis-AIDS, para que os adolescentes possam entender o que é a doença. O professor pode utilizar vídeos (documentários) para ilustrar as doenças.

Solicitar que os jovens pesquisem, leiam e falem sobre essas doenças. Também levar textos explicativos. Mostrar como se pega. Trazer para a escola um médico, um psicólogo e um enfermeiro que trabalhem com esses pacientes para contar as histórias de vida... para fazer a gente entender como se dá a doença. Dramatizar situações que mostram a consciência do adolescente para o uso dos métodos e da prevenção das DSTs/AIDS.

Penso que num processo participativo de ensinar-aprender a condução e a mediação dos trabalhos são fundamentais, para tanto os educadores devem se tornar flexíveis, criativos, dispostos e pacientes. O educador com muito “jogo de cintura” pode despertar e provocar o interesse dos jovens e ainda proporcionar os devidos esclarecimentos a respeito dos significados que emergem ao longo do processo.

Inicialmente, os adolescentes mostraram-se curiosos à cerca do trabalho do educador, dizendo que,

o Professor deve ser criativo, usando filmes, bonecos, chamando a atenção dos jovens... tudo de uma maneira simples de se entender. Tirando todas as dúvidas



sobre nosso corpo, sensações, gestos, métodos contraceptivos, sentimentos e fantasias.

Também criticam os “jeitos” com que os professores desenvolvem o saber.

Alguns professores são muito chatos... sempre dão aula do mesmo jeito... mesmo que a gente diga para explicar de outro jeito... eles continuam com aquelas aulas de 10 anos atrás... não dá... tem uns que têm até umas folhinhas já amarelas... ah!

Percebi que o importante no processo educativo é administrar bem o tempo para o desenvolvimento de cada atividade. As atividades devem ser curtas, variadas e suficientemente cativantes para mobilizá-los. Os educadores devem se dispor a criar “instrumentos” de ensinar-aprender que estimulem e abasteçam o saber dos jovens. Os sujeitos preferem bater papo, em vez de elaborar idéias diante de uma atividade que não os motive. Quando o astral do grupo passa a se mostrar “sem saco”, sem paciência para continuar a participar, é hora de interromper e talvez de reformular a atividade ou renegociar o tempo. Se for solicitada uma atividade que exige maior reflexão/raciocínio, eles preferem não dar conta, então sugerem outros caminhos, em geral os mais curtos e sem muita elaboração. Costumam usar seu poder de sedução para negligenciar a tarefa ou então solicitam “jeitos” de reformulá-la. Envolvem-se facilmente em discussões e brincadeiras paralelas, o tempo de concentração é mínimo e varia proporcionalmente ao prazer de realizar determinadas atividades.

Os “jeitos” são interpretados como as estratégias pedagógicas necessárias à composição do Método. Os sujeitos em suas falas e colocações deram uma ênfase especial aos jeitos que mais os agradam como dinâmica de ensino.

Preferem que a professora proceda à **leitura** em voz alta de textos e/ou materiais disponíveis, alegando que assim se ligam mais e que os colegas não sabem ler com dicção adequada.

O professor deve trazer textos que falem sobre o sentimento que ocorre na vida da gente. Ah!... quem tem que ler é a professora, porque ela sabe prender a atenção da gente, nas palavras importantes, ela dá maior entonação e vai explicando coisas durante a leitura.

Os sujeitos preferem receber as solicitações por **escrito**, alegando que esse procedimento agiliza o processo de interpretação e/ou compreensão da recomendação. A idéia de registrar as considerações em letras grandes e coloridas, no quadro ou em folhas de papel pardo ou tiras de cartolinas teria a intenção de socializar e acelerar o processo de conhecimento.

[...] por que a professora não entrega isso por escrito? É mais fácil entender quando está escrito, quando a gente pode ler no papel.

Penso que essa preferência foi aprendida desde muito cedo na escola. Creio que faz parte do senso-comum dos comportamentos escolares. Mexer com essas idéias requer um tempo para reelaborá-las. Inclusive os professores têm que rever sua postura de educador, reformulando suas técnicas de manejo de ensino.

Através do ato de ler, reler e observar as considerações tecidas, “algo” acontece, ou seja, desenvolve-se o ato de pensar-fazer e, conseqüentemente, emergem novas idéias e/ou saberes. Portanto, precisamos levar em conta o “querer” do sujeito.

Os professores precisam de atualização para preparar melhor suas aulas... para se entender melhor... é bom quando se gosta dos conteúdos.

Durante o desenvolvimento do pensar-fazer, percebi que eles têm produzido conhecimento e significados interessantes que passam a ser acrescentados aos registros anteriores.

O **contar** ou **inventar histórias** e citar exemplos pode dar a idéia para simular situações do cotidiano que possam ilustrar os significados dos assuntos a serem discutidos.

Contar histórias sobre experiências amorosas, apaixonamento e saudade, criar situações de brincadeira... dramatizar cenas ou textos, a gente aprende um monte... mas só se for legal o assunto.

Para **compor cartazes** que expressam os significados, os adolescentes **folheiam revistas, recortam figuras e letras, caricaturam, desenham** e usam símbolos estereotipados do ser homem/ser mulher e dos sentimentos. Os comentários mostram bem que a cultura do senso-comum, em termos de sexualidade, é um traço forte e cheio de preconceitos. A simbologia da cultura machista está presente nas discussões quando os meninos se colocam na posição “já sei...”. As meninas se colocam naturalmente e questionam quando não sabem, são mais humildes.

Não tenho dúvidas... sei tudo sobre sexo... as gurias é que querem saber. É difícil falar sobre sexo na frente de um grupo que não temos intimidade... por exemplo, as mulheres se preocupam com os sentimentos... os guris gozam dessas coisas.

O **dialogar** sobre os mais variados assuntos com os amigos, pais e professores proporciona lidar com os preconceitos. Talvez esse fato possa redimensioná-los.

A chance do diálogo é boa, pois deixa a gente mais a vontade para falar de sexualidade... o conversar/pensar permite descobrir novos conhecimentos.

Na visão do jovem o **debater** questões que envolvem a sexualidade tem a seguinte conotação:

Debater é a melhor forma, pois as pessoas dizem mais facilmente o que sentem e o que pensam sobre as suas sensações, sentimentos, desejos, intimidade, fantasias e prazer. Promover debates, possibilitando uma maior exposição de idéias. Achamos que o debate é a melhor forma de as pessoas falarem o que pensam ou sentem sobre o prazer-sexo. É preciso um grupo menor e com intimidade. Debater os sentimentos-amor através de um filme que trate dessa questão.

O **modelar** e o **construir maquetes e “engenhocas”** para mostrar determinados funcionamentos auxilia na compreensão dos sujeitos quanto à compreensão dos significados:

Professora vem cá... estamos fazendo demonstração com essa tirinha como se dá a ereção do pênis... olha só... como levanta... e depois cai... ah! Confeccionar símbolos, para nos fazer entender como funciona o pênis; como ele entra. Localizar a vagina, o hímen, o clitóris num tubo de papel.

O **mastigar** e o **comer provocaram** uma certa curiosidade, pois a escola não cultiva o hábito de comer no decorrer de atividades realizadas em sala de aula. Em função dessa crença, eles se mostraram confusos mediante a minha atitude de oferecer-lhes balinhas:

Por que você nos deu balas, professora? Hum... que gostoso... thanks!

Creio que curtiram as balas, mas não entenderam o significado do oferecimento. Parece que não estão acostumados a pequenas gentilezas que, porventura, os educadores possam promover. Acredito que esses detalhes possam articular, desenvolver e despertar o interesse dos jovens para o conhecimento.

Hum... bala sete belo... que bom!! Posso pegar um monte? Que legal comer balas, escutar música e participar da atividade.

A utilização da **música** no decorrer das oficinas assim como as balas causaram uma certa inquietude, mas aos poucos gostaram da idéia, tanto que levavam suas músicas prediletas para ouvir. Parece que a música funciona como um instrumento terapêutico, tornando-os relaxados, tranqüilos e menos ansiosos, portanto mais predispostos para o pensar-fazer.

Professora, massa essa música... adoro essa música... é linda, tem muito a ver conosco. Bah! Você soube escolher uma música porreta, é gostoso trabalhar com música, principalmente se for o som do Renato Russo.

Apresentar **transparências** com figuras atrativas sempre envolve e motiva os sujeitos para o pensar/refletir/aprender.

Importante ver essas figuras... porque podemos entender que a sexualidade sempre foi importante na vida do homem.

As gravuras, quando despertam a atenção dos sujeitos, provocam comentários, em geral de forma lúdica, até descobrir os significados que estão escondidos nas mensagens. Pensam quando é lançado um desafio, mobilizam-se sempre com muito humor e gracejos.

Muito bom ver essas figuras de como era a sexualidade antigamente, nos leva a entender alguns significados que existem ainda hoje... os pecados da igreja... os tabus. Parece que não mudou muito em termos de erotismo e posições sexuais.

Creio que para tornar mais **lúdico**, podemos **inventar brincadeiras** para expressar o falar biológico. Percebo que, quanto mais atividades manuais, melhor, porque eles gostam de mexer com o corpo. Eles sempre exigem do professor algo mais além do que é apresentado ou proposto.

Utilizar **vídeos** (filmes e documentários) é sempre uma boa idéia, pode-se inclusive, através de determinadas cenas, trabalhar valores, sentimentos, respeito e estereótipos sócio-sexuais. Produzir textos a partir de figuras é também uma técnica interessante que agrada aos jovens.

Discutir o assunto... através de algumas cenas ou figuras... as pessoas podem contar suas experiências.

Adotar a **oficina** como processo de ensinar-aprender a sexualidade é produtivo, pois ela se constitui numa dinâmica participante onde os saberes são construídos e/ou transformados dependendo das possibilidades dos sujeitos. Parfraseando Patrício (1994b), o sujeito é levado a participar de toda a ação educativa, especialmente o compartilhar saberes, a partir de suas possibilidades como indivíduo coletivo.

Os adolescentes descobriram que no espaço das oficinas é possível fazer coisas que naturalmente não seriam realizadas num outro espaço escolar e ainda acabam aprendendo sobre a sexualidade a partir de algumas atividades cotidianas simples como: folhear revistas, bater papo, comentar, ouvir os colegas e os professores, ler textos, ouvir música e brincar. Assim eles conseguem

participar e desenvolver a atividade proposta. Será que a escola e os educadores proporcionariam esse ambiente?

A participação é fundamental, pois podemos debater todas as opiniões e chegarmos a uma conclusão. Falar minhas idéias e também adquirir conhecimento sobre o corpo... emoção... tudo.

Os adolescentes expressaram o significado de aprender a sexualidade e ainda compreenderam o papel deles no processo participativo de compor o **Método** de ensinar-aprender.

Sem a participação dos grupinhos não é possível tirar qualquer opinião, pois não haveria troca de idéias. Ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Ajudar a construir um modelo para ensinar a sexualidade para os jovens. Fazer trabalhos no grupo, para que a turma toda participe, coordenada pela professora. Fazer mais brincadeiras, assistir a filmes e aprofundar os assuntos.

Parece que através do pensar/refletir, novos posicionamentos emergem e vêm sendo percebidos e absorvidos pelos próprios sujeitos, educadores e seus pares.

#### 4.2 – O Perfil dos Adolescentes Participantes

Considero o adolescente um ser biológico e social, em fase de transição apresentando comportamentos de acordo com a cultura na qual está inserido:

[...] mudanças corporais que ocorrem nesta fase são universais, com algumas variações, enquanto as psicológicas e de relações variam de cultura para cultura, de grupo para grupo (Zagury, 1999, p. 24).

Para compor o perfil dos adolescentes da pesquisa, utilizei todos os momentos vivenciados nas atividades, que, associados aos recursos da pesquisa participante, me permitiram a observação, a análise das falas e, ainda, o “bater

papo”. As minhas percepções, aliadas às falas, me levam a caracterizar o grupo de adolescentes como: curioso, vivo, inteligente, tagarela, ousado, alegre, cordial, preguiçoso, ansioso, sedutor, pensante, afetuoso, amigo, criativo e otimista com o futuro.

Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles procuram e eventualmente se acham. Mas além disso eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais (Calligaris, 2000, p. 8).

Para tratar do perfil do grupo, foi construída uma ficha-perfil onde os adolescentes depositaram suas percepções individuais. Após o processo de análise e categorização dos dados, o perfil do grupo, de acordo com a concepção dos adolescentes, ficou assim, tal como aparece nos quadros 14, 15 e 16.

#### Quadro 14

##### Características pessoais

Amigo, perfeccionista, feliz, confuso, animado, divertido, desligado, responsável, comunicativo, legal, afetuoso, alegre, carinhoso, sonhador, romântico, pensativo e “pé no chão”. Tímido, mas tento combater a timidez, para ser cada vez mais seguro. Não gosto de expor sentimentos, pois posso ser mal interpretado e servir de gozação. Sou adolescente com boas intenções e respeito pelas pessoas. Sem muitas perspectivas, mas apesar de tudo procuro sorrir e estar de bem com a vida. Sou esportista.

*Defeitos:* perfeccionista demais; ser usado; ser ingênuo demais; ajudar a quem não merece; apegar-se com facilidade e se decepcionar; ser teimoso; influenciar-se facilmente pelos outros; falar demais; pensar demais nos outros

esquecendo de nós próprios; ríspido; viver na defensiva; sensível demais; sonhador; perdoar facilmente, assim “quebro a cara” com as mesmas pessoas; ser chato; impicante; não escuto o que falam; confiar depressa demais em pessoas não conhecidas; invocado; ser levado em algumas situações... não consigo ser eu mesmo; debochado; inseguro; sem personalidade; possessivo; tímido.

*Qualidades:* ser simpático, amigo, gentil, humilde, alegre, compreensivo, sincero, romântico, feliz, sociável e alto astral. Pensar de forma “careta”. Ter caráter... embora para muitos isso não seja importante; pensar nas atitudes que tomamos e melhorá-las; aconselhar amigos; não posso me auto-avaliar; valorizar os amigos; saber ouvir a opinião dos outros e respeitá-las; corajoso... enfrentar qualquer “barra”; ser fiel... não ser falso.

*O que mais gosto de fazer:* dançar, rir, conversar, viajar, sair com amigos, paquerar, ler, olhar a mulherada, praticar esportes, pensar na vida e olhar o mar, ir para a praia, estar no colégio todo dia, ajudar a quem precisa.

*Detesto:* errar por motivos ridículos e fáceis de serem superados; fofocas e brigas; estar só; ter inimigos; amigos falsos; mulheres fáceis; pessoas que não levam à sério o que fazem; quem não se abre para novas idéias; pessoas falsas e arrogantes; “pattys” porque não pensam e nem se importam com nada; homossexual; teimosia... ainda por coisas erradas.

*O que mais gosto no meu corpo* meu rosto, olhos, cérebro, cabelos, mãos e boca.

*O que não gosto no meu corpo:* barriga; nada a reclamar, gosto de tudo, bunda, minhas espinhas, as gordurinhas, pele.

*Eu me amo porque* sou carinhosa, calma, feliz, legal, alegre, sincero e inteligente; por conseguir ajudar amigos com problemas; modo de pensar; estou amadurecendo e aprendendo a raciocinar sobre o mundo à minha volta; me



gosto; por querer fazer as coisas melhores; por enfrentar obstáculos e lutar pelo que quero. Vivo cada fase com alegria e humor. Escutome. Amo meus amigos e familiares. Eu existo... Amo-me.

## Quadro 15

### Momentos da adolescência

*Desafios:* me dar bem na vida; encontrar algo que me satisfaça; aprender coisas importantes que me permitam levar bem a vida; ser bem-sucedido no amor e financeiramente; aventureiro e confiante; derrubar obstáculos na vida. Superar a adolescência, fase de revolta, pensamos em parar de estudar, é um desafio. Alcançar os meus objetivos, nem sempre os alcançamos com facilidade, mostrar às pessoas meu ponto de vista; estar de bem consigo mesmo e viver o cotidiano já é um desafio. Tomar as próprias decisões. Mudar alguma coisa no ambiente em que vivemos; viver em sociedade. Alcançar a felicidade.

*Alegrias:* ter amigos verdadeiros; a descoberta do sexo; descobrir como o Brasil é maravilhoso; sair com amigos, curtir a família e viajar; conversar com pessoas especiais; ver as pessoas felizes; ajudar os outros; amar e ser correspondido; dança; relaxar; beijar, namorar, vadiar; compartilhar com os amigos os bons momentos; pensar na vida; praticar esportes: manobras radicais.

*Emoções:* acompanhar esportes na TV; praticar/competir em campeonatos; amar; receber elogios; descobrir algo novo para a vida; esportes radicais; mulher; aventuras; cair na real; realizar coisas que nos satisfazem; sexo; viver; de estar perto das pessoas de que se gosta; viagens; montanha russa; assistir a filmes de terror com amigos; estar junto da pessoa amada; decepção com amigos; saber que existem pessoas que se preocupam com você.

*Desejos:* amadurecer e me tornar uma pessoa cada vez mais compreensiva; saber dar valor às coisas e às pessoas certas; amar muito; viajar mundo afora; ser aceito no grupo; ser feliz e independente; amar e ser amado; cada dia tenho um; fazer um mundo melhor para meus filhos; mudar o mundo; sem roubos e violência; com muito carinho e gentilezas; ter o essencial para a vida; nunca esquecer de pensar; namorar; desejos sexuais.

*O que pretendo ser:* ser feliz; jornalista; médico; alguém que simplesmente saiba viver; profissional de esportes: futebol, skate, handebol; carreira militar; dentista; professora; fisioterapeuta; psicóloga infantil; pessoa consciente dos problemas do mundo; profissional de qualidade.

*Preocupações com a sexualidade:* adquirir mais maturidade e intimidade para sentir o quanto o sexo é bom; esperar muito e receber pouco; não DSTs/AIDS; Não gravidez precoce; usar camisinha; ter consciência e prevenir-se sempre; conhecer o corpo sexual; ser impotente; nunca ter tido um orgasmo. Nenhuma.

## Quadro 16

### Como adolescente eu me sinto

Feliz por poder curtir todos os momentos da adolescência, pois passam muito rápido e não notamos, é a melhor parte da vida e precisamos ainda aprender muitas coisas. Muito bem para aproveitar a vida, dançar, estudar, pois é uma fase única. Massa, levar a vida e fazer tudo sem perder tempo... Ahh! Mas sempre com a cabeça no lugar, às vezes a gente se descontrola mais não pega nada! Acho que é uma fase cheia de alegrias e revolta, de repente é a melhor fase da vida, cheia de descobertas. Responsável pelo mundo em que vivo, porque sei que cada coisa que acontece eu também tenho culpa. Forte e ao mesmo tempo com muito pouco

poder, mas realizado, lutando por meus objetivos, ultrapassando meus obstáculos; sempre a procura de novas conquistas. Um pouco deslocado, por não pensar como a maioria dos adolescentes, mas já superei tal fato, ao perceber como a maioria das pessoas pensa, ou melhor, sobre a evolução do espírito de cada. Impedido de fazer as coisas de que gosto. Não aproveitei essa fase da adolescência, por pura ciancice, matei meu maior sonho e de quebra na escola sou um fracasso. Ainda meio inseguro, confuso e bobo para encarar algumas situações, mas procurando melhorar a cada dia que passa.

Inicialmente pareciam tímidos, não queriam se expor, mostraram-se até contrariados com a pesquisa. Percebendo a situação, adotei uma alternativa onde os sujeitos passaram a brincar com a bolinha, parece que esse ato serviu para descontrair, então a fala espontânea indispensável ao processo participativo, apareceu. Com o passar do tempo, foram se tornando cada vez mais participativos e confiantes como agentes da pesquisa. No decorrer do processo, mesmo aqueles que inicialmente não queriam falar, ficaram mais à vontade. Mostraram-se bastante relutantes em compreender a importância deles no processo de construir a proposta do **Método**. Estavam desconfiados quanto à proposta da pesquisa, de realmente vir a ser um processo para se criar um **Método** de ensinar-aprender a sexualidade. O compromisso de participar de forma responsável foi aos poucos sendo entendido.

Esse jeito de a professora colocar “situações” e fazer a gente pensar nos leva a descobrir um monte de coisas. Sem a participação dos grupinhos não é possível tirar qualquer opinião, pois não haveria troca de idéias. A participação é fundamental, pois podemos debater todas as opiniões e chegarmos a uma conclusão.

O sujeito, então, se permitiu pensar/falar e compreender os termos: “**Método**”, “processo participativo”, participação espontânea, “ensinar-aprender”; tanto que passou a utilizar alguns desses termos após a compreensão.

A curiosidade apareceu de forma intensa pelas circunstâncias do momento de pesquisa e pelo interesse em adquirir saberes sobre a sexualidade.

Conversar/pensar sobre a sexualidade permite descobrir novos conhecimentos.

O fato de utilizar a música como ferramenta pedagógica, de questioná-los sobre o cotidiano, o “bater papo” e até o oferecimento de balas foram motivos para interrogar e “estranhar” as minhas atitudes como mediadora das atividades. A música e o mastigar balas têm um poder relaxante/calmante, levando os sujeitos a se comportarem de forma menos ansiosa.

Rolar música para relaxar e sala aconchegante. Professora, por que você gosta tanto de bater papo conosco? Que legal comer balas, escutar música e participar da atividade. Que novidade é esta, professora? Nos dar balas? Você quer nos comprar?

Creio que os momentos vivenciados nas oficinas permitiram aos adolescentes o pensar sobre o trabalho pedagógico questionando o ensinar-aprender. É natural que essa expressão tenha despertado nos jovens o interesse, já que discutir esses procedimentos pedagógicos com os alunos não é uma rotina escolar.

Muitas considerações foram tecidas ao longo das atividades-oficinas sobre como apontar os assuntos que são do interesse deles.

Hum... difícil... não sei como dizer... falar... participar... contribuir com a pesquisa... e falar sobre sexualidade.

Os adolescentes sentem-se realmente à vontade quando se trata de expressar os seus sentimentos:

Sintome vivo, mas impedido de fazer as coisas de que gosto. Responsável pelo mundo em que vivo. Acho que é uma fase cheia de alegrias e revolta, de repente é a melhor fase da vida, cheia de descobertas. Feliz, gosto de curtir todos os momentos da minha adolescência, pois passam muito rápido e não notamos. Amar... amar! Realizar os sonhos e descobrir que não sou o único a pensar na vida. Ter mais maturidade e sentir o quanto o sexo é bom, a intimidade e a maturidade sexual, entender por que se espera muito e se recebe pouco.

Os adolescentes mostraram-se preguiçosos para o pensar/fazer, desconcentram-se facilmente, provavelmente em função da imaginação – “devaneio entremeado de fantasia” (Vitiello, 1988, p. 23). Então, imagino que as atividades devam ser relâmpagos. A concentração é diretamente proporcional ao interesse deles, então se mostram mais dispostos e amistosos em participar.

São resistentes à aquisição de novos conhecimentos e atividades, mas com a devida estimulação vão se permitindo gostar das atividades propostas. São críticos em relação ao que vem sendo construído, opinam e acrescentam novos elementos. Percebo que vêm num processo crescente de aprofundamento dos assuntos. Solicitam técnicas já conhecidas ao invés de investir em novas, mas, no entanto, querem “coisas novas”. Surge o comportamento ambivalente, que é comum na adolescência. Parece que na adolescência “há uma conjugação de eventos que conspiram para conturbar o equilíbrio emocional” (Vitiello, 1988, p. 24), tornando o ser adolescente instável no seu humor.

Exigem paciência, alegria, flexibilidade e descontração da mediadora.

Parece que os meninos são mais relapsos, menos cuidadosos no desenvolvimento das atividades. Não usam símbolos para explicar significados.

As meninas são mais sensíveis, realizam as tarefas com mais cuidado e perfeição. Ilustram suas considerações com símbolos que traduzem a estereotipia sócio-sexual. No decorrer das atividades percebi que a cultura machista impregna o cotidiano dos adolescentes; os meninos se colocam como se soubessem tudo sobre seu universo masculino e as meninas se colocam mais naturalmente e questionam quando não sabem, são mais humildes.

Adoram “bater papo” sobre os mais variados assuntos: namoro, ficar, festas, aulas/professores, esportes radicais, música, mastigar doces e, ainda, discutem eventualmente questões sociais e políticas.

Os amigos passam a exercer uma influência mais significativa do que os adultos no dia-a-dia dos adolescentes:

Momentos com amigos e família, viagens, dança. Compartilhar com meus amigos meus momentos felizes, namorar, beijar e vadiar. Sair com os amigos para a noite. Desabafar com os amigos.

Os adolescentes, na escola, costumam provocar-se entre si, chegando inclusive ao desrespeito verbal, com palavras ofensivas e vulgares. Habitualmente não utilizadas no cotidiano escolar. Mas também sabem ser originais e maliciosos com humor. Se for do interesse deles, lançam a sedução como forma de defender suas idéias e sugestões.

### 4.3 – O Perfil Adequado do Educador

Os adolescentes, de acordo com suas expectativas, imaginam que o educador adequado para dar conta de desenvolver o **Método** deve possuir as características listadas no quadro 17.

#### Quadro 17

##### Perfil do educador

Deve ter conhecimento bem “amplo”, isto é, ter formação adequada, muito conteúdo para trabalhar as nossas dúvidas sobre a sexualidade, é saber sem “decorar” os temas. Muito estudo e fazer leituras atualizadas; buscar sempre informações recentes. O educador deve ter prática, vivência com o conteúdo, ou seja, muita experiência, saber para poder explicar tudo ao aluno. Professora, gostamos do ensinar-aprender... quer dizer que o professor também aprende? Massa, o professor também aprende com a gente! Ser aberto ao diálogo; saber como colocar determinados assuntos, trabalhar os assuntos de vários jeitos; não ter vergonha para expor determinados aspectos. Ter “amor” pelo que se faz, gostar de ser professor, de ensinar e de trabalhar com os adolescentes. Ser paciente, afetuoso, liberal, legal e cordial, aí não pega nada, as aulas serão boas. Compreender o adolescente, ser afetivo, fazer com que os adolescentes sintam-se à vontade no processo de aprendizagem. Tem que entender todos os jeitos que o aluno fala, ele fala com muitas gírias. Ter bom senso, ser sensato, precisa ter ética

. Ter consciência dos seus limites como educador significa ver o cabimento das situações, saber o que pode e deve ser trabalhado ou dito. Ter a confiança dos jovens, trabalhar a sexualidade sem constrangimentos, fazer com que os alunos não fiquem com vergonha ou acanhados de perguntar suas dúvidas. Ter apenas um único professor de sexualidade. Deve ter a consciência de um mundo melhor e com mais qualidade de vida, viver sem estresse. Ter satisfação em desenvolver seu trabalho com os alunos.

Considerando as percepções dos adolescentes, parafraseio as idéias de Alves (1999), colocando que os professores aprendem teorias científicas sobre educação, mas estas não são suficientes para formar um professor: “muitos professores maravilhosos nunca estudaram as disciplinas pedagógicas”. Atualmente, diante das constantes indagações e inovações, percebo que “a educação é uma arte”, em que o papel do professor vem sendo insistentemente questionado e reformulado, assim “o educador é um artista”, pois necessita, além do conhecimento, descobrir os “segredos do sabor” de ensinar-aprender, despertando no indivíduo o desejo de pensar/sonhar/saber, tornando-o consciente de sua realidade (Alves, 1999, p. 38-39).

Acredito que a sexualidade, hoje, se constitui num amplo campo de saber, conseqüentemente é necessário que haja uma formação acadêmica que contribua com a adequação do educador em sexualidade. Tradicionalmente, as Universidades mantêm-se alheias, preocupadas com paradigmas de educação que privilegiam a teoria e a cognição, desconectadas das questões emocionais e sociais. Para desenvolver sua prática docente, os educadores precisam situar-se como profissionais e como sujeitos críticos diante da realidade na qual estão inseridos, apercebendo-se das novas propostas que emergem sob o olhar dos novos paradigmas, em especial do holístico.

A função docente exige do professor uma série de condutas que o farão reconhecido como alguém que utiliza o seu saber e o seu poder como recurso para o bem da coletividade com quem trabalha, fazendo bem o que lhe compete. Exige, além disso, determinadas virtudes, qualidades, que poderão auxiliá-lo no dia-a-dia como a

curiosidade, a humildade, a coragem, a capacidade de decidir, de colocar limites, comprometendo-se na busca dos objetivos a que se propõe (PCN, 1998, p. 77).

O olhar holístico contribui com o educador e com o adolescente considerando-os como um todo nas suas mais diversas interações sociais e cotidianas durante todo o seu processo de viver: “as ações que buscam satisfazer as suas necessidades são concebidas individual e coletivamente através da vontade, do desejo, da cultura e de possibilidades do bem viver” (Patrício, 1995, p. 46).

O professor deve ter a consciência de um mundo melhor e com mais qualidade de vida e viver sem estresse.

A interação educativa deve ser de dupla sintonia, ou seja, ambos educador e educando desenvolvem estados de “prazer e satisfação abrindo possibilidades de viver e ser saudável” (Patrício, 1995, p. 48).

Numa perspectiva holística, temos a possibilidade de perceber que a dificuldade é pensar a sexualidade como aspecto sociocultural, ou seja, como utilizar e como vivenciar esses aspectos junto aos adolescentes, tornando-os os mais pedagógico-educativo possíveis.

Creio que o educador possa ser reflexivo, crítico e bem posicionado ante as complexidades emergentes de um contexto social desigual, possibilitando a construção de uma sociedade mais bem informada, pensante, e de cidadãos mais conscientes da sua participação. Penso que acumular conhecimentos referentes aos aspectos biológicos e reprodutivos da sexualidade hoje é mais fácil, considerando que temos à nossa disposição uma literatura atraente e adequada.

A omissão da universidade, no papel de agente formador do educador em sexualidade, leva a sociedade a pensar que a formação deste educador é irrelevante, assim ocorre a improvisação do educador sexual, promovendo a inadequação na educação sexual.

No entanto, é fundamental que a educação assuma a qualificação desse profissional, desenvolvendo-o a partir de uma visão pluralista e globalizante para que este possa atuar de forma a “abrir horizontes para a consciência das tênues



fronteiras entre o orgânico, o psicológico e o social, permeados pela cultura”. (Correia, 1999, p. 90).

Professor deve ter conhecimento bem “amplo”... muito estudo e buscar sempre novas informações. Precisa ter formação adequada, saber a sexualidade sem decorar... para explicar as dúvidas de acordo com as experiências de vida. Saber como colocar determinados assuntos para explicar nossas dúvidas da forma mais acessível, facilitando a compreensão.

Os sujeitos apontam a formação acadêmica adequada e a forma de abordar os conteúdos como ingredientes básicos para compor o perfil do educador que deseja trabalhar com o ensinar-aprender a sexualidade. A forma do orientador/facilitador/mediador conduzir o processo educativo é fundamental para a compreensão dos conteúdos.

O Educador como adulto, portanto à mercê dos preconceitos vigentes e ainda sem a devida capacitação, percebe-se inseguro, em geral não se coloca à disposição para o ensinar-aprender a sexualidade. Estabelece-se o impasse: quem vai ser o educador em sexualidade? Quem vai educar o educador-sexual?

Na perspectiva de Codo (1999, p. 49), o trabalho de educar “constitui-se per si como um trabalho prazeroso, pois o Professor tem liberdade para controlar o seu processo produtivo. A combinação entre a proposta de ensinar e a disposição de aprender, nos mostra que em situações cotidianas” do trabalho docente são produzidos sentimentos de afeto, de boa vontade, de criatividade e o cumprimento das propostas, todas regadas com alto investimento de carga afetiva. Considero o vínculo afetivo também como mais um dos elementos básicos para o estabelecimento das relações entre educador e sujeito. Nas falas dos sujeitos encontramos respaldo para essa consideração.

Ter contato mais afetivo com os alunos... fazendo com que eles se sintam mais à vontade.

Acredito que, assim, o ensino da sexualidade possa fluir com mais facilidade. A mensagem “fundir **afeto-trabalho** pro-fessando e con-fessando a dor e a delícia de ser artífice do futuro, uma tarefa ancestral e sempre nova” (Codo, 1999, p. 12) transmite como uma determinante para o processo de

ensino/aprendizagem a possibilidade de conciliar investimento afetivo *versus* trabalho pedagógico *versus* sexualidade. Esses aspectos estão previstos no contexto do Projeto Político Pedagógico Coletivo das Escolas Públicas Brasileiras, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais/MEC/Temas transversais. Será que as escolas têm condições de aplicar esses encaminhamentos?

As atividades que exigem maior investimento emocional são as que se relacionam ao *ato de cuidar* (Codo, 1999). Partindo desse pressuposto é fundamental que o professor estabeleça vínculos afetivos com seus alunos e ame a arte de ensinar-aprender.

Ter “amor” pelo que faz, gostar de ser professor, gostar de ensinar e de trabalhar com adolescentes. A capacidade para amar o trabalho e os jovens sob sua orientação é uma valorosa qualidade, que deve ser prezada, preservada e até estimulada. Assim é fundamental que o educador tenha sua adolescência perto de si – qualquer que seja sua idade cronológica – e que conserve a capacidade de amar (Vitiello, 1998, p. 37).

A preparação para ensinar-aprender a sexualidade inclui ainda uma educação em valores, pela qual o educador pode discutir os diferentes valores que sustentam o convívio, na escola e fora dela, para melhorar o entrosamento das relações educador/educando.

O orientador deve estar estimulado e interessado para realizar suas atividades educativas. Desenvolver o bom-senso, o bom-humor e a espontaneidade, porque estas são ferramentas essenciais para estabelecer pactos com os jovens, pois a partir daí se estabelece a confiança.

Ter bom senso, para trabalhar sem conflitos. Ter a confiança dos jovens, assim eles vão colocar suas idéias sem medo. Ser sensato e ético nas suas atividades e relações cotidianas na escola.

Os sujeitos da pesquisa colocam a sua preferência em ter apenas um único educador para assumir o compromisso de ensinar-aprender a sexualidade. O encaminhamento do PCN-MEC (1998) aponta o ensino de sexualidade como tema transversal e, portanto mais sujeito a ser abordado por vários educadores, mas em algumas situações abre-se a possibilidade de ser apenas um o educador

sexual. Os adolescentes defendem a idéia de que tratar desse assunto com tantos professores não seria interessante, por uma questão de intimidade.

É mais fácil gostar de um professor do que de vários para ensinar sexualidade, pois não é um tema que possa ser desenvolvido assim, é preciso de afinidades do grupo com o professor e também que o grupo tenha confiança... para debater... para se colocar... é melhor que seja um.

O fato de o professor ser procurado pelos jovens lhe confere credenciais para desenvolver a atividade de educador sexual. O profissional da educação que se dispôr a praticar o ensinar-aprender a sexualidade com os adolescentes precisa se empenhar em buscar formas de dialogar sem julgar o comportamento alheio, reconhecendo que não existem verdades absolutas ou eternas.

Ser aberto ao diálogo... ah! conversar abertamente, sem vergonha.

A prática educativa participativa centrada no diálogo e voltada para a compreensão dos significados promove troca de saberes e mudanças no sistema de valores dos jovens, estimulando-os a buscar melhores opções de viver bem.

A intenção de valorizar, questionar, incentivar e produzir reflexões acerca do trabalho pedagógico cotidiano é extremamente produtiva, salutar e mágica, servindo de estímulo a experimentar, a pesquisar, a continuar nessa tarefa tão preciosa e apaixonante que é a **Arte de Ensinar** sexualidade.

#### **4.4 – O Ambiente Adequado/Próprio para Desenvolver o Método**

Para o desenvolvimento do Método de ensinar-aprender os sujeitos imaginam que é importante estabelecer um espaço físico apropriado que dê conta de criar um clima capaz de mobilizar os participantes para as devidas reflexões.

Quadro 18

O Ambiente

O ambiente poderia ser uma sala ampla com colchonetes, almofadas pelo chão, sofás e iluminação mais aconchegante. Talvez fosse conveniente que essa sala se localizasse longe da ala das salas de aulas, para evitar barulho. É necessário silêncio e concentração para discutir sexualidade. Para tornar o ambiente mais agradável e adequado ao trabalho, a sala poderia ter ar condicionado, TV, vídeo e som. Mesas redondas para trabalhos em pequenos grupos e mesa grande para o grupo. Ter bolachas, café, chá, água e balinhas. Ter música suave, música do Djavan, para acalmar e relaxar a turma. A sala deve ter ainda materiais necessários para serem utilizados nas oficinas, como: fitas com documentários, filmes, CDs. É muito importante que seja criado um clima adequado para falar sobre sexualidade, com muito respeito no grupo, onde todas as idéias devem ser ouvidas e respeitadas, para que as pessoas possam contar experiências e exemplos, sem exageros, vergonha ou medos... na real.

Creio que o ambiente adequado para trabalhar o ensinar-aprender a sexualidade seria um ambiente com duas salas amplas e conjugadas, equipadas com ar condicionado e com cortinas escuras. Uma das salas seria mobiliada com mesas redondas e cadeiras, quadro, retroprojeto, TV, vídeo, armários, local adequado para fixar cartazes, aparelho de som e material de consumo.

A sala deve ser ampla, com almofadas pelo chão e possuir uma mesa grande com materiais necessários para as aulas.

A outra sala deveria ser sem mobília com colchonetes espalhados pelo chão para que se possa ter espaço suficiente para realizar determinadas atividades e dinâmicas lúdicas que exigem mexer com o corpo, para relaxamento e sensibilização, a fim de mobilizar os alunos para as atividades.

Os jovens demonstraram algumas preocupações quanto a falar sobre questões referentes a sexualidade:

[...] deve-se ter respeito no grupo... todas as idéias devem ser respeitadas, liberdade de expressão, contar exemplos e experiências... mas sem exageros (na real). O

ambiente é muito importante... criar um clima adequado para falar de sexualidade. Rolar música para relaxar.

Penso que, para se trabalhar a sexualidade, é fundamental que seja desenvolvido um ambiente/clima de respeito. Respeito significa não impor a sua vontade, seus valores e crenças, mas reconhecer que cada um tem direito a pensar e agir da forma que melhor se adapte à sua maneira de viver saudável. O fato de que atualmente muitos comportamentos são aceitos não significa necessariamente que toda a sociedade já os tenha assimilado, e isso pode gerar descontentamentos, pois as pessoas podem se sentir não respeitadas dentro dos seus valores.

A sexualidade é um campo em que as pessoas pensam e se comportam de maneira muito diferente. Existem também posições religiosas muito firmes em relação ao comportamento sexual. Cada um deve ser respeitado nas suas convicções religiosas e morais (Suplicy, 1988, p. 35).

Viver a sexualidade é um comportamento humano natural e saudável, que proporciona prazer e alegria, portanto devemos vivenciá-lo sem conflitos e medos, mas com responsabilidade.

Pessoas bem informadas têm mais chance de optar melhor. Conhecer a si mesmo para maior tranquilidade e possibilidades na busca de uma vida plena de amor, prazer e realizações (Suplicy, 1988, p. 7).

Logo podemos ser educados para respeitar a nossa sexualidade e encará-la com naturalidade, entendendo-a como uma parte significativa do ser humano, particular e íntima. Além do estabelecimento do respeito para se dialogar sobre a sexualidade, necessita-se também que seja criado um espaço/clima, onde as considerações possam ser discutidas sem aflições.

Esse ambiente físico para se tornar ainda mais adequado poderia ser em local mais sossegado, afastado das salas de aulas, com a possibilidade de desenvolver atividades de reflexão.

#### 4.5 – O Tempo-Espaço para Desenvolver o *Método*

Os sujeitos apontam como ideal o espaço de 1h/aula semanal para que esse **Método** de ensinar-aprender a sexualidade possa ser desenvolvido por um educador específico. O PCN aponta o ensinar-aprender a sexualidade como tema transversal e a ser abordado por vários educadores, enquanto os sujeitos da pesquisa colocam que o melhor seria que um educador tivesse a preparação adequada para assumir o compromisso de ensinar-aprender a sexualidade no Ensino Médio.

O PCN coloca que

Além da transversalização pode ser realizado em um **espaço específico**. Isso porque a sexualidade se impõe, na sociedade contemporânea, como um dos maiores interesses dos adolescentes, exigindo posicionamentos e atitudes cotidianas. Temáticas como a gravidez na adolescência, masturbação, homossexualidade, iniciação sexual, pornografia, erotismo, aborto, violência sexual e outras são exemplos de questões que extrapolam a possibilidade de transversalização pelas disciplinas e demandam **espaço próprio** para serem refletidas e discutidas. São temas polêmicos, que envolvem questões complexas e demandam tempo para serem aprofundados, com ampla participação dos alunos, além de exigirem maior preparo para o educador (PCN/MEC, 1988, p. 331, grifos meus).

O PCN, na verdade, aponta não somente a transversalização, mas também a possibilidade de sistematizar o ensino de sexualidade com espaço, local e educador específico que se responsabilize por esse trabalho desde que seja

[...] alguém que tenha bom contato com os alunos e, portanto, um interlocutor confiável e significativo para acolher as expectativas, opiniões e dúvidas, além de ser capaz de conduzir debates sem impor suas opiniões, abre possibilidades de estruturação desse espaço local, incluindo no horário escolar de uma hora-aula semanal (PCN/MEC, 1988, p. 332).

Concordo com os encaminhamentos do PCN-MEC no que se refere a espaço e educador específicos para desenvolver essa proposta educativa, uma

vez que nas falas dos sujeitos da pesquisa encontro reforço quando colocam que, para suprir suas necessidades de discutir a sexualidade, basta um educador-mediador para promover os debates das questões sexuais que forem selecionadas, abrindo novas perspectivas.

#### **4.6 – Os Recursos e os Materiais**

Conforme as percepções dos sujeitos, o Método de ensinar-aprender exige, além dos recursos humanos, os elementos materiais e pedagógicos para dar conta de trabalhar a sexualidade. O Ministério da Educação e Cultura (PCN-MEC) encaminhou propostas para trabalhar o ensino de sexualidade, mas, no entanto, não encontrei nos Parâmetros Curriculares Nacionais-MEC (1998) qualquer referência a quem cabe o papel de provedor da implantação/manutenção dessas propostas de ensino em sexualidade. Portanto, questiono: quem vai financiar o projeto e a formação adequada dos educadores?

Escrever um projeto para captar recursos junto aos órgãos de fomento das instituições que tratam de financiar projetos de ensino e pesquisa pode ser uma estratégia a ser adotada pelas escolas, pois, se o projeto obtiver aprovação, os recursos financeiros suficientes para desenvolver o método estão garantidos. Com os recursos disponíveis estaria contemplada a aquisição dos materiais necessários para desenvolver as estratégias. Mas e quanto aos recursos humanos?

Nas universidades públicas não existem cursos que proporcionem a formação adequada para os educadores que se colocam à disposição para trabalhar no ensinar-aprender a sexualidade. Então, onde os educadores vão adquirir uma formação que lhes permita se adequar ao perfil do educador sugerido pelo PCN/MEC e também pelo que foi apontado nas falas dos sujeitos da pesquisa?

Será que todas as escolas teriam a possibilidade de dar conta dos recursos materiais e humanos para manter o ensino de sexualidade?

#### 4.7 - O Processo de Avaliação

Considero que o processo de ensinar-aprender a sexualidade objetiva uma educação de atitudes e aquisição de conhecimentos necessários à prática social. Esse processo requer a possibilidade de ser avaliado constantemente para que possa ser ajustado de acordo com o contexto social e o método proposto.

Toma-se fundamental realizar uma avaliação contínua do processo educativo, solicitando comentário oral ou escrito dos alunos ao término de cada atividade-oficina que for desenvolvida, desde os debates dos temas, postura do educador, os materiais utilizados e/ou construídos, e os relacionamentos aluno/aluno e aluno/educador. A partir da avaliação é possível verificar o que foi mais interessante, o que precisa ser retomado e, ainda, o que necessita ser reafirmado para que se dê continuidade no desenvolvimento do “método educativo”. Considero que a “finalidade principal da avaliação é auxiliar os educadores a planejar a continuidade de seu trabalho” (PCN/MEC, 1988, p. 39).

Yus (1998) defende a idéia de avaliação qualitativa como sendo um guia orientador da ação do processo ensino/aprendizagem, com o intuito de obter informações sobre os códigos de comportamento, mensagens ocultas e valores. A coleta de informações que se destina ao ajuste do Método, pode ser realizada com fichas de avaliação oral ou escrita, questionário e entrevista, de modo que envolva todos os itens que fundamentam o **Método**.



## 5 – SÍNTESE DO *MÉTODO* DE ENSINAR-APRENDER A SEXUALIDADE

A escola tal como a conhecemos, tem sua parcela de responsabilidade no que se refere ao ensino de sexualidade. Em virtude dos preconceitos e mistérios que envolvem a sexualidade, a maioria das escolas apresenta inúmeras dificuldades em administrar esses assuntos. Creio que nesse **Método** os educadores vão encontrar elementos importantes que podem provocar o desejo de reavaliar e transformar ações a ponto de inovar o processo de ensinar-aprender. A partir daí, dar conta de abordar questões emergentes e cotidianas da sexualidade que permeiam a adolescência. Para tanto, utiliza em seu processo o re-pensar-fazer e o reconstruir os saberes, mediante as expectativas, necessidades e possibilidades do ser adolescente.

O **Método** elaborado a partir das percepções dos adolescentes apresenta elementos e estratégias metodológicas fundamentais para os educadores que desejam lidar com o ensino de sexualidade. Penso que os elementos que foram emergindo no decorrer das oficinas constituem

[...] um aspecto pedagógico mais relevante para o professorado, especialmente pelo fato de que grande parte de seu trabalho se centra, fundamentalmente, nesse tópico [...] essas decisões devem ser tomadas conforme uma determinada seqüência de atividades devidamente ordenadas e agrupadas em torno de unidades [...] conforme critérios de inter-relações dos elementos que intervêm no processo didático (Yus, 1998, p. 168-170).

O olhar dos educadores sob esse conjunto de elementos que constituem o **Método** vai permitir questionar e adequar as atividades propostas à sua realidade, possibilitando que este seja desenvolvido de forma mais natural e positiva, uma vez que foi extraído da imaginação e do anseio dos jovens.

Os elementos foram organizados em unidades didáticas, aliando a imaginação dos adolescentes aos princípios do processo ensino/aprendizagem.

Assim, para ampliar a visão do **Método** como um todo foi elaborada uma síntese de modo que se possa checar todos os elementos que o constituem.



## **6 – OS PRINCÍPIOS BÁSICOS QUE EMERGIRAM DA PESQUISA: REFLEXÕES FINAIS**

A necessidade de falar sobre a sexualidade como compreensão básica da vida cotidiana, acerca dos sentimentos, do respeito, das sensações, da responsabilidade e da liberdade, revela a importância de uma proposta pedagógica escolar voltada para as questões afetivas e culturais. As idéias de Patrício, Boff e Frei Betto reforçam essas questões, pois consideram o ser humano-natureza como singular, criador, complementar e afetivo, de modo que as suas ações são permeadas pela emoção e pela sensibilidade. Esses valores constituem o suporte para o entendimento da vida sexual.

O fato de evocar o imaginário humano para refletir sobre suas mais profundas emoções determina que elementos estruturantes possibilitam a construção da satisfação humana. A sexualidade alarga possibilidades de satisfação e auto-realização pessoal e social. Os saberes emergem dos sentimentos e das situações vivenciadas, assim as interações desenvolvem estados de prazer e satisfação.

A escola, como espaço privilegiado na construção de referências, compreende que os sujeitos vêm sendo marcados por estereótipos socialmente construídos, daí a necessidade de ampliar o leque de conhecimentos e de possibilidades em busca de reflexões para as possíveis desmistificações.

Todas as vivências no espaço escolar são educativas e concorrem para os processos de formação. As novas possibilidades de compreender o mundo provocam deslumbramento, mas também assustam. O exercício de novas formas de pensar e refletir sobre a dimensão afetiva e sócio-sexual é uma conquista fundamental para toda a vida.

A sexualidade, por tratar-se de uma temática multidisciplinar, comporta contribuições de diferentes áreas do conhecimento. A produção constante de metodologia de caráter participativo envolve desde o estimular para a

sensibilização e participação até o uso de materiais didáticos que problematizem as questões em vez de truncá-las.

Esta pesquisa, em especial a prática da oficina olhada como um espaço educativo, forneceu uma outra perspectiva de educar, em que se estabeleceu um espaço de convivência capaz de favorecer o ato de pensar-fazer e transformar.

A pesquisa que possibilitou o acesso às idéias dos adolescentes foi absolutamente significativa. Através dela, foi possível levantar as categorias e os temas emergentes componentes significativos e legítimos que possibilitaram a elaboração das unidades do **Método** de ensinar-aprender a sexualidade com o adolescente no contexto escolar.

A vivência de diferentes situações com o grupo de adolescentes possibilitou a troca de informações, discussões e problematizações que foram produzindo um saber diferente do conhecimento disciplinar escolar. A ampliação da percepção dos sujeitos ocorreu devido à possibilidade do diálogo e das interações que se processaram no espaço das oficinas. Esse fato transcende a expectativa prevista, pois remete à construção de conhecimentos básicos e aplicados.

Os sujeitos, às vezes, se revelaram relutantes e preocupados em apontar quais os temas emergentes da pesquisa que seriam mais adequados para compor o **Método**. A partir das novas discussões, finalmente, ficaram validados o perfil do educador, os assuntos e as estratégias como os itens mais especiais para que o processo de ensinar-aprender se efetue com a qualidade esperada.

O questionamento crítico sobre as práticas pedagógicas, que atuam no espaço escolar disciplinar, reforça a idéia de conceber a “oficina” como uma forma de ensino participativo capaz de explorar as percepções, curiosidades, dúvidas e vivências dos sujeitos em prol da construção de saberes.

Particularmente no **Método**, a dialogicidade, a musicalidade e a afetividade aparecem como pontos significativos, porque levaram os sujeitos a desenvolver a concentração e a reflexão no sentido de compor e aprofundar saberes e fazeres sobre as manifestações que permeiam o seu contexto sexual e de outro adolescente.

A partir da produção individual e coletiva dos sujeitos e de um saber coletivo gestado nas vivências que se estabeleceu no espaço das oficinas, o **Método** de ensinar-aprender constitui-se em possibilidades de mudanças em prol

do processo de trabalho do educador. O **Método** apresenta as seguintes características:

- é um processo educativo-participante, cujo enfoque é concebido a partir de uma abordagem holística e histórico-cultural;
- tem a pretensão de resgatar aspectos pouco explorados na prática escolar, abrindo-se a possibilidade de conceber as capacidades humanas de pensar, sentir, fazer, refletir e viver como temas coadjuvantes à produção de conhecimentos;
- produz possibilidades, a partir das próprias vivências de crescer e compreender-se como pessoa, facilitando o reconhecimento de ações que conduzem ao prazer e à satisfação humana;
- viabiliza reflexões sobre o ser humano e suas múltiplas formas de ser e de viver, de modo a ultrapassar os aspectos meramente biológicos. O ato de pensar-refletir e participar proporciona a diluição dos discursos estereotipados do contexto sexual em favor do significado de uma convivência social voltada para a construção de uma cultura sexual mais compreensiva e menos preconceituosa;
- a atividade participante, sob a orientação do referencial holístico no trabalho escolar, submete a ação educativa no sentido de proporcionar momentos de satisfação e prazer em que todos, de certa maneira, são aprendizes e educadores;
- como recurso é um facilitador do processo pedagógico na medida em que atua na aprendizagem de dupla sintonia; assim, o educador e o jovem compartilham a construção dos saberes. A adaptação/harmonia dessa relação tem repercussão na satisfação dos envolvidos e de seus pares;
- o processo participante, além de indicar os temas emergentes, encaminha formas a fim de estruturar e construir cada um deles de modo a contemplar as necessidades dos adolescentes;
- o educador específico com formação e conhecimento adequados está habilitado para questionar a nova proposta de paradigma e mediar a construção dos saberes a partir de novas formas de pensar e fazer.

Para redimensionar o gosto pela arte de ensinar-aprender, o educador necessita desenvolver a sua capacidade reflexiva e cooperativa, a fim de realizar mudanças significativas e condizentes com as expectativas do contexto;

- aponta o espaço específico como necessário no ensinar-aprender que pode ser conquistado através da grade curricular ou de propostas de projetos escolares;
- os assuntos são singulares para cada grupo de sujeitos, conforme seus interesses. Servem de guia para a continuidade dos trabalhos pedagógicos e, desta forma, contribuem para o exercício da sexualidade;
- prevê o ambiente amplo e os recursos pedagógicos adequados, a fim de disponibilizar a criação de um “clima ideal” de convivencialidade. Assim, todas as percepções e reflexões estimulam a troca e a construção de conhecimentos;
- os “jeitos” interpretados como as estratégias pedagógicas que ocupam maior destaque no processo de ensinar-aprender são: leitura de textos, registrar com letras grandes e coloridas, contar ou inventar histórias, compor cartazes, folhear revistas, recortar, caricaturar, desenhar, dialogar, debater, modelar, construir maquetes e engenhocas, mastigar, ouvir música, usar transparências e vídeos, buscar o lúdico através de jogos e brincadeiras e, finalmente, aplicar a oficina; e
- a avaliação contínua do processo educativo, através das falas dos sujeitos sobre os assuntos, as estratégias, a postura do educador, os recursos materiais e os relacionamentos que se estabelecem constituem instrumento significativo para verificar o efeito do Método como processo de ensinar-aprender a sexualidade.

Finalmente, afirmo que o ensinar-aprender a sexualidade, produzido a partir da investigação das vivências e de abordagens multidisciplinares, apresenta aspectos significativos, pois questiona as representações da cultura sexual.

A intenção de valorizar, questionar, incentivar e produzir reflexões acerca do **Método** é extremamente produtiva e mágica. Serve de estímulo a

experimental, a pesquisar e a continuar nessa tarefa tão preciosa e apaixonante que é a **arte de ensinar-aprender a sexualidade**.



## 7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDALÓ, Carmem A. et alii. **Trabalhando a sexualidade na sala de aula**. Florianópolis: Perspectiva Educação e Sexualidade. Centro de Educação – UFSC, v. 16, n. 30, p. 35-36, jul./dez. 1998.

ANTUNES, Celso. **Manual de técnicas de dinâmicas de grupo de sensibilização e ludopedagogia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

ARAÚJO, Maria Luiza M. A nova moral sexual. Rio de Janeiro: Scientia Sexualis. **Revista do Mestrado Sexologia**, Universidade Gama Filho, v. 3, n. 2, dez. 1997.

BASTOS Lília R. et alii. **Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias**. Rio de Janeiro: UFRJ/LTC, 1998.

BETTO, Frei. **Teilhard de Chardin: sinfonia universal**. São Paulo: Letras & Letras, 1992.

BIAGGIO, A. M. B. **Psicologia do desenvolvimento**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1983.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática, 1999.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal: Porto, 1994.

BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BURATTO, Ana Luiza O. et alii. **A direção do olhar do adolescente**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: PubliFolha, 2000.

CAMPOS, Márcia M.C. et alii. Mudanças na vida pessoal e profissional dos educadores decorrentes de um programa de educação sexual. VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, Rio de Janeiro. **Anais...**, p. 70, 1999.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

CORREIA, Gilka B. Sexualidade e hermenêutica existencial em história de vida de um educador sexual. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 88-111, 2000.

DIAZ, Margarita et alii. Avaliação externa de 3 Projetos de Educação sexual e cidadania. VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, Rio de Janeiro. **Anais...**, p. 73, 1999.

ENCICLOPÉDIA DO CONHECIMENTO. 24 mil beijos. **Revista IstoÉ**, Rio de Janeiro: Três, 1996.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GUERRA, Antônio F. S. **Das tecnologias de poder sobre o corpo à vivência da corporeidade: a construção da oficina como espaço educativo**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LIMA, M<sup>a</sup> Helena C.; MEDEIROS, Selma Z. **Como trabalhar a sexualidade na escola**. Florianópolis, Apostila Pró-Ciências III, FUNCITEC-CAPES-SEED-CA/UFSC, 1999.

MASTERS & JONHSON. **Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MEDEIROS, Selma Z.; LIMA, M<sup>a</sup> Helena C. **Biologia e sexualidade**. Pró-Ciências III, FUNCITEC-CAPES-SEED-CA/UFSC, 1999.

MELLO, M. B. **Avaliação preliminar de impactos de um programa de orientação sexual de longa duração.** VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, Rio de Janeiro. **Anais...**, p. 74, 1999.

MINAYO, C.; SANCHES. **Quantitativo-Qualitativo:** oposição ou complementariedade. Rio de Janeiro: 9 (3), 239-262, jul./set. 1993.

MINAYO, Cecília de Souza et al. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MINISTÉRIO EDUCAÇÃO CULTURA. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:** Orientação Sexual. Brasília, 1998.

MONEY & TUCKER. **Os papéis sexuais.** São Paulo: Brasiliense, 1975.

MONTMOLLIN, Maurice. **A ergonomia.** Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

MORETTI, Eleanor; ROVANI, Ivânia M. Os sentimentos da adolescência em relação à imagem corporal. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 205-206, 1996.

NUNES, César A. **Filosofia, sexualidade e educação.** 1996. Tese (Doutorado em Filosofia de Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NUNES, César A. **Desvendando a sexualidade.** Campinas: Papyrus, 1987.

PATRÍCIO, Zuleica M. Sem medo de mudar: desenvolvendo um método de ensino/aprendizagem participante. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 149-156, jul./dez. 1994a.

PATRÍCIO, Zuleica M. Nem talco nem diamante: um processo de ensino/aprendizagem participante na área da sexualidade/adolescência. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 93-109, jul./dez. 1994b.

PATRÍCIO, Zuleica M. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo:** uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. 1995. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PATRÍCIO, Zuleica M. **Qualidade de vida do trabalhador**: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999.

PATRÍCIO, Zuleica M. **Diário de campo**. Florianópolis: UFSC. Nota de orientação, 2000.

RIBEIRO, Marcos (Org.). **Educação sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E DESPORTO/SC. **Proposta de Santa Catarina para o Ensino Médio**. Florianópolis, 1997.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E DESPORTO **Projeto de orientação sexual na escola**: da teoria à prática. Bento Gonçalves, 1999.

SILVA, R. C. et alii. Lições aprendidas com a implantação e implementação de projetos de educação sexual e cidadania. VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, Rio de Janeiro. **Anais...**, p. 73, 1999.

SUPLICY, Martha. **Sexo para adolescentes**. São Paulo: FTD, 1988.

TANNAHILL, Reay. **O sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

TRANSCRIAR/UFSC. **Construindo estratégias para atenção à saúde do adolescente com a comunidade**: um movimento participante com indivíduo, família e grupos. Florianópolis: Emyo, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VITIELLO, Nelson A educação sexual necessária. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 18-25, 1995.

VITIELLO, Nelson. **Adolescência hoje**. São Paulo: Rocca, 1988.

VITIELLO, Nelson. **Reprodução e sexualidade**. São Paulo: CEICH, 1994.

VITIELLO, Nelson. A formação do educador sexual. I Congresso Internacional de Educação do Colégio Coração de Jesus, Florianópolis. **Anais...**, p. 27-37, 1998.

VITIELLO, Nelson; RODRIGUES Jr, Osvaldo M. **As bases anatômicas e funcionais do exercício da sexualidade**. São Paulo: Iglu, 1997.

WALTRICK, Ana C. A. **Estudo das características antropométricas de escolares de 7 a 17 anos**. 1996. Dissertação (Mestrado em Ergonomia) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

WISNER, A. **A inteligência no trabalho**. São Paulo: Fudacentro, 1994.

YUS, Rafael. **Temas transversais: em busca de uma nova escola**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ANEXOS

Anexo 1 –

Universidade Federal de Santa Catarina  
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas  
Curso de Mestrado em Ergonomia  
Mestranda: Selma Zelandra Medeiros  
Orientadora: Dr<sup>a</sup> Zuleica Maria Patrício

### CARTA DE APRESENTAÇÃO

Ilmo. Senhor Diretor  
Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Ms Paulo Roberto Silva de Oliveira

Conforme é de vosso conhecimento, através de contato mantido anteriormente, estou em fase de iniciar a Pesquisa que vai fundamentar a minha Dissertação de Mestrado no Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção-Ergonomia da UFSC.

O estudo tem o título provisório de **Proposta pedagógica para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente: uma proposta participativa**, e é orientado pela Dr<sup>a</sup> Zuleica Maria Patrício.

Para realizar tal pesquisa de campo necessito de 10 encontros com uma turma de 1<sup>a</sup> série do ensino médio. A minha proposta de pesquisa será apresentada aos Educadores em um momento de reunião pedagógica das 1<sup>a</sup> séries do Ensino Médio. E o trabalho com os alunos será realizado no espaço que é destinado ao Projeto de Sexualidade e Aulas de Orientação Profissional. Caso esses espaços não dêem conta das atividades-oficinas que serão desenvolvidas, procuraremos viabilizar mais espaços junto aos Professores de outras disciplinas.

Saliento que esse estudo não pretende interferir de forma alguma no desenvolvimento dos trabalhos escolares deste Colégio, porém consciente que sempre há interferência, procurarei ser o mais discreta possível no desenvolvimento do estudo e também seguirei os seguintes preceitos éticos:

Os sujeitos aderem voluntariamente ao estudo, cientes da sua natureza e das circunstâncias que envolvem o processo de estudo, com autorização mediante carta de aceitação.

Os sujeitos deverão ser tratados respeitosamente (incluo aqui o não registro de dados com sujeito que não esteja de acordo).

Os resultados serão baseados nos dados sem distorções.

Os resultados serão apresentados no Colégio antes de serem publicados nos mesmos espaços destinados a realização da pesquisa.

Portanto, solicito a V. S. <sup>a</sup> a permissão para realizar o estudo neste Colégio que está sob a sua responsabilidade.

Atenciosamente,

---

Mestranda: Selma Zelandra Medeiros



## Anexo 2

Universidade Federal de Santa Catarina  
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e sistemas  
Curso de Mestrado em Ergonomia  
Mestranda: Selma Zelandra Medeiros  
Orientadora: Dr<sup>a</sup> Zuleica Maria Patrício

## CARTA DE COMPROMISSO

Aluno

Ciente do conteúdo e preceitos éticos da pesquisa a ser realizada, concordo em participar das atividades-oficinas com o intuito de elaborar uma Proposta de Ensino Participativo em Sexualidade para o Ensino Médio.

---

Aluno

## Anexo 3

Universidade Federal de Santa Catarina  
 Departamento de Engenharia De Produção e Sistemas  
 Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção  
 Mestranda: Selma Zelandra Medeiros  
 Orientadora: Dr<sup>a</sup> Zuleica Maria Patrício

## MODELO DE DIÁRIO DE CAMPO

MODELO PLANEJADO	MODELO REALIZADO	ANÁLISE
Ambiente/ Sujeitos  MOMENTO 1:	MOMENTO 1:	

PROPOSTAS PARA O "MÉTODO":

## Anexo 4

Universidade Federal de Santa Catarina  
Departamento de Engenharia De Produção e Sistemas  
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção  
Mestranda: Selma Zelandra Medeiros  
Orientadora: Dr<sup>a</sup> Zuleica Maria Patrício

TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA  
PARA COMPOR A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO:  
**PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA EDUCADORES DO NA ARTE DE  
ENSINAR-APRENDER A SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE:  
UMA PROPOSTA PARTICIPATIVA**

**ROTEIRO DA OFICINA 1**

## MOMENTO 1:

- Iniciei a oficina colocando uma música para receber os adolescentes afetuosamente.
- Resgate dos objetivos da pesquisa; firmar o compromisso com a pesquisa através da carta de aceite; solicitar autorização para uso do gravador.

Duração: 15'

## MOMENTO 2:

- Apresentação dos participantes através da **técnica da bolinha**. O monitor (pesquisadora) inicia o jogo com a bolinha: fala seu nome, um hobby, um lazer, uma palavra que traduz sexualidade e suas expectativas. Após joga a bolinha aleatoriamente para um dos participantes e então este se apresenta da mesma forma que o monitor e assim sucessivamente todos os demais participantes. A seqüência da apresentação será registrada num cartaz para que todos possam repetir sem enganos. O primeiro participante que se apresentou pode auxiliar o

monitor a registrar numa folha de papel pardo fixado em local apropriado todas as palavras que traduzem sexualidade bem como as expectativas dos participantes.

Duração: 35'

### MOMENTO 3.

- Cabe ao monitor mediar o grupo, no sentido de refletir as **expectativas listadas no cartaz**. Os participantes devem levantar as expectativas que julgarem mais significativas no processo de ensinar-aprender sexualidade do adolescente.

Através da **técnica busca de idéias**, que permitem explorar a potencialidade criativa dos participantes, cada grupinho da oficina vai pensar-refletir as suas expectativas sobre um **modelo pedagógico** que considera mais adequado no ensinar-aprender a sexualidade do adolescente. Escrever suas expectativas numa tira de cartolina. Para sensibilizar o grupo eu escrevi no quadro o seguinte encaminhamento:

PENSAR – REFLETIR “MODELO” ENSINAR – APRENDER
---

- As tiras foram fixadas em local adequado e então retomadas as devidas discussões.

- Os pequenos grupos vão apresentar suas idéias ao grupo.

Cabe ao monitor mediar o grupo, no sentido de selecionar e aprimorar as idéias mais adequadas à confecção do modelo; essas idéias vão ser anotadas numa folha de papel pardo para que sejam retomadas no próximo encontro.

Duração: 35'

### MOMENTO 4:

- Avaliação oral e escrita nos pequenos grupos e socializadas no grupo.

Duração: 8'

**MOMENTO 5:**

- A despedida será curtir uma música que será selecionada pelo grupo dos CDs que ficarão à disposição do mesmo.

Duração: 3'

## Anexo 5

Universidade Federal de Santa Catarina  
 Departamento de Engenharia De Produção e Sistemas  
 Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção  
 Mestranda: Selma Zelandra Medeiros  
 Orientadora: Dr<sup>a</sup> Zuleica Maria Patrício

## DIÁRIO DE CAMPO DA OFICINA 1

<p style="text-align: center;"><b>MODELO PLANEJADO</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>MODELO REALIZADO</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>ANÁLISE</b></p>
<p>Ambiente/ Sujeito</p> <p>Numa sala do Colégio de aplicação no dia 21-06-00 às 9h, iniciei o meu estudo para compor dissertação de mestrado. Estavam presentes 19 adolescentes da 1ª série do ensino médio.</p> <p>MOMENTO 1:</p>	<p>MOMENTO 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi colocada uma música, para receber os adolescentes de forma</li> </ul>	<p>São curiosos, ousados mais preguiçosos.</p> <p>Mostraram-se relutantes em compreender a importância da participação dos sujeitos</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciar a oficina colocando uma música para receber os adolescentes afetuosamente</li> <li>• Resgatar dos objetivos da pesquisa; firmar o compromisso com a pesquisa através da carta de aceite; solicitar autorização para uso do gravador</li> </ul>	<p>afetuosa e gentil.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os objetivos da pesquisa foram sendo resgatados através do registro dos mesmos no quadro para melhor compreensão; este procedimento foi sendo repetido até ser compreendido por todos os sujeitos. Frisei a importância da pesquisa e da participação deles bem como os seus valores e idéias. O tempo utilizado para este resgate foi bem maior do que o que havia sido previsto (15')</li> <li>• Após a leitura da carta-aceite e demais explicação foi solicitada a possibilidade da assinatura da carta, para firmar esse compromisso. _ "Profª podes repetir o por que é necessário assinar?".</li> </ul> <p>Então foi necessário novamente criar considerações que respaldassem a participação natural de cada sujeito na pesquisa; de modo responsável e ético.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Comecei a falar da necessidade de gravar as "falas" dos sujeitos, pois nem sempre a memória é confiável... então em pesquisa qualitativa utiliza-se como instrumento auxiliar de pesquisa o gravador; o uso deste foi bem compreendido e aceito.</li> </ul>	<p>Desconfiados quanto a possibilidade de realmente ser um processo participativo para se criar um modelo</p> <p>À medida que o tempo foi passando sentiram-se mais seguros em participar, passaram a achar a idéia importante e interessante parece que a solicitação da assinatura na carta-aceite mexeu com os sujeitos, a assinatura passou a ter significado de compromisso.</p>
---	--	---

**PROPOSTAS PARA O "MÉTODO" – "MODELO":** características dos adolescentes: tagarelas, ousados, curiosos, alegres, preguiçosos, ansiosos, desconfiados quanto ao processo participativo e o compromisso de participar de formas responsáveis, cuidadosos quanto à colocação de suas idéias, preocupados com a pesquisa... modelo participativo ainda não foi compreendido!

MODELO PLANEJADO	MODELO REALIZADO	ANÁLISE
<p>MOMENTO 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação dos participantes através da <b>técnica da bolinha</b>. O monitor (pesquisadora) inicia o jogo com a bolinha: fala seu nome, um hobby, um lazer, uma palavra que traduz sexualidade e suas expectativas. Após joga a bolinha aleatoriamente para um dos participantes e então este se apresenta da mesma forma que o monitor e assim sucessivamente todos os demais participantes. A seqüência da apresentação será registrada num cartaz para que todos possam repetir sem enganos. O primeiro participante que se apresentou pode auxiliar o monitor a registrar numa folha de papel pardo fixado em local apropriado todas as palavras que traduzem sexualidade bem como as expectativas dos participantes.</li> </ul>	<p>MOMENTO 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A apresentação dos participantes ocorreu através da técnica da bolinha e foi realizada conforme o previsto.</li> <li>• Foi explicado como seria desenvolvida a “brincadeira” e foi fixada a seqüência dos itens, ou seja, das “falas” no quadro.</li> <li>• As falas dos sujeitos foram gravadas, à medida que os sujeitos se apresentavam. Os itens: <b>palavra que traduz sexualidade e expectativas</b> foram anotadas em folhas de papel pardo com pincel atômico em letras grandes, para que todos pudessem acompanhar e participar.</li> <li>• Os sujeitos ficaram preocupados e ansiosos com a apresentação ... <ul style="list-style-type: none"> <li>- “ah! Profª não vou falar nada”.</li> <li>- “não tenho nada para falar”.</li> <li>- “não sei o que falar”.</li> <li>- “vou falar um monte de coisas”.</li> <li>- “legal falar sobre essas coisas”.</li> <li>- “Selma explica novamente”.</li> </ul> </li> <li>• Os sujeitos iam se apresentando e passavam a bolinha para o colega, e foram ficando menos ansiosos, demonstrando gostar da atividade</li> <li>• Falas dos sujeitos durante a apresentação:</li> </ul>	<p>Alguns estavam contrariados... não queriam falar</p> <p>Amassavam a bolinha... ansioso... cautelosos ou preguiçosos</p> <p>Mostraram-se no decorrer do processo à vontade ... mesmo aqueles que inicialmente não queriam falar</p> <p>A técnica da bolinha permitiu que os sujeitos passassem a ‘brincar’ com a bolinha iniciando o processo participativo.</p> <p>Sujeitos passaram a falar e a compreender os termos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* modelo</li> <li>* processo participativo</li> <li>* compromisso: carta -aceite</li> <li>* pesquisa</li> <li>* participação espontânea</li> <li>* processo ensinar-aprender</li> <li>* sexualidade</li> </ul>



		* colher dados Sujeitos já usam alguns desses termos no final da atividade
--	--	---

## MODELO REALIZADO

SUJEITO	HOBBY	LAZER	PALAVRA TRADUZ SEXUALIDADE	EXPECTATIVAS	ANALISE
0	ler	dançar	sentimento	espero falas espontâneas para compor dissertação MS e também contribuir com o ensino de sexualidade na escola	<p>Estavam tímidos em se expor, risos e brincadeiras a medida que as apresentações ocorriam...</p> <p>Tornaram-se mais e mais participativos, foram muito sucintos em suas falas.</p> <p>Encontraram muitas dificuldades em falar de suas expectativas</p> <p>Mostraram-se cautelosos quanto às suas falas.</p> <p>A música tem um poder relaxante</p>
1	ouvir música	bater papo com amigos	beijo	participar da pesquisa e adquirir conhecimento sobre sexualidade	
2	namorar	dançar	intimidade	ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Produzir o modelo	
3	namorar	escutar som	confiança	ah! profª dá uma dica... participar da melhor forma possível	
4	futebol	futebol	desejo	é difícil... contribuir com a pesquisa. .. coletar dados e aprender mais sobre sexualidade	
5	handebol	handebol	toque	sei lá ... profª quero falar minhas idéias e aprender mais sobre o corpo	
6	namorar	ir ao shopping	pele	falar minhas idéias e tb adquirir conhecimento sobre o corpo... emoção... tudo	
7	futebol	futebol	atração	dizer um monte de coisas que penso sobre o corpo... sexualidade	
8	handebol	dançar namorar	olhar	ah! falar coisas...(risos) sobre nós adolescentes, da vida... ajudar a profª na pesquisa	

9	namorar	bater papo com amigos	tesão	hum... difícil... não sei como dizer... falar... participar ... contribuir... falar sobre sexualidade	e calmante para os adolescentes ficam mais calmos e menos ansiosos.
10	futebol	futebol	amor	ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Produzir o modelo	
11	praia	fazer dança	paixão	ah! Profª dá uma dica... participar da melhor forma possível	
12	futebol	fazer som	carinho	participar da pesquisa e adquirir conhecimento sobre sexualidade	
13	dançar	namorar	malícia	ah! Profª dá uma dica... participar da melhor forma possível, falar como queremos que o professor ensine a sexualidade.	
14	futebol	futebol	transa	participar da pesquisa e adquirir conhecimento sobre sexualidade	
15	dançar	bater papo	ciúme	ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Produzir o modelo	
16	jogar bola	nadar	massagem	participar da pesquisa e aprender sobre a sexualidade	
17	namorar	ficar	charme	ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Ajudar a construir um modelo para ensinar sexualidade para os jovens	
18	surfear	som	prazer	falar minhas idéias e tb adquirir conhecimento sobre o corpo... emoção... tudo	

- Houve boa mobilização, embora exista muita desconcentração, tenho que retomar a dinâmica de vez em

19	bater papo	ficar	fidelidade	participar da pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Produzir o modelo	• quando.
20	namorar	sair noite	orgasmo	falar minhas idéias e tb adquirir conhecimento sobre o corpo... emoção... tudo	
21	sair noite	ir praia	diálogo	ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Produzir o modelo	

### PROPOSTAS PARA O “MÉTODO”– “MODELO”:

Características dos adolescentes: vivos e inteligentes

A técnica da bolinha (o brincar, o lúdico), abriu a possibilidade da participação espontânea e despercebida ⇒ “fala” é fundamental para o processo. Parece que a partir da compreensão de alguns termos e o relacionamento Professora-Alunos (afetuoso e amigável) contribuíram para que a participação tenha se tornado mais natural.

MODELO PLANEJADO	MODELO REALIZADO	ANÁLISE
	<p>Cartaz PALAVRA QUE TRADUZ SEXUALIDADE</p> <p>Sentimento, beijo, intimidade, confiança, desejo, toque, pele, atração, olhar, tesão, amor, paixão, carinho, malícia, transa, ciúme, massagem, charme, prazer, fidelidade, orgasmo, diálogo.</p> <p>CARTAZ-EXPECTATIVAS</p> <p>“Participar da pesquisa e adquirir conhecimento sobre sexualidade”.</p> <p>“Ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Produzir o modelo”.</p> <p>“Ah! Profª dá uma dica... participar da melhor forma possível”.</p> <p>“É difícil... contribuir com a pesquisa... coletar dados e aprender mais sobre sexualidade”.</p> <p>“Sei lá... profª quero falar minhas idéias e aprender mais sobre o corpo”.</p> <p>“Falar minhas idéias e tb adquirir conhecimento sobre o corpo... emoção... tudo”.</p>	<p>Processo moroso, difícil concentração, os alunos não querem pensar⇒ não estão acostumados querem que a profª dê aulas</p> <p>Reclamaram que as solicitações são muito difíceis de serem compreendidas e cumpridas.</p> <p>A atividade exigiu muita paciência e flexibilidade por parte da mediadora</p> <p>A reação dos sujeitos frente à uma solicitação que não é do interesse deles é lenta ⇒ eles preferem ficar batendo papo ao invés de elaborar algumas idéias</p>

	<p>“Dizer um monte de coisas que penso sobre o corpo... sexualidade”.</p> <p>“Ah! falar coisas...(risos) sobre nós adolescentes, da vida... ajudar a profª na pesquisa”.</p> <p>“Um... difícil... não sei como dizer... falar... participar... contribuir... falar sobre sexualidade”.</p> <p>“Ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Produzir o modelo”.</p> <p>“Ah! Profª dá uma dica... participar da melhor forma possível”.</p> <p>“Participar da pesquisa e adquirir conhecimento sobre sexualidade”.</p> <p>“Ah! Profª dá uma dica... participar da melhor forma possível e contribuir com o ensinar sexualidade”.</p> <p>“Participar da pesquisa e adquirir conhecimento sobre sexualidade”.</p> <p>“Ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Produzir o modelo”.</p> <p>“Participar da pesquisa e aprender sobre a sexualidade dos adolescentes”.</p> <p>“Ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola. Ajudar a construir um modelo para ensinar sexualidade para os jovens”.</p> <p>“Falar minhas idéias e tb adquirir conhecimento sobre o corpo... emoção... tudo”.</p> <p>“Participar da pesquisa e melhorar a orientação sexual na</p>	<p>As técnicas aplicadas devem ser curtas e rápidas, pois os adolescentes logo ficam sem paciência para continuar, logo preciso ter sempre alguns jeitos para estimulá-los.</p> <p>A partir das expectativas produzidas devo “criar” novas formas de estimular o interesse dos adolescentes. Penso que a condução e a mediação dos trabalhos são fundamentais... os educadores devem dispor de “instrumentos” adequados ao desenvolvimento da oficina. Tudo precisa ser relâmpago.</p> <p>Em alguns momentos mostraram-se sem “saco”, então tive que reformular a atividade tentando novas propostas de debate... precisei retornar à importância</p>
--	--	---

<p>MOMENTO 3.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cabe ao monitor mediar o grupo, no sentido de refletir as <b>expectativas listadas no cartaz</b>. Os participantes devem levantar as expectativas que julgarem mais significativas no processo de ensinar-aprender sexualidade do adolescente.</li> </ul> <p>Através da <b>técnica busca de idéias</b>, que permitem explorar a potencialidade criativa dos participantes (Antunes, 1998, p.25), cada grupinho da oficina vai pensar-refletir as suas expectativas sobre um <b>modelo pedagógico</b> que considera mais adequado no ensinar-aprender a sexualidade do adolescente. Escrever suas expectativas numa tira de cartolina. Para sensibilizar o grupo eu escrevi no quadro o seguinte encaminhamento:</p>	<p>escola. Produzir o modelo”.</p> <p>“Falar minhas idéias e tb adquirir conhecimento sobre o corpo... emoção... tudo”.</p> <p>“Ajudar na pesquisa e melhorar a orientação sexual na escola, produzir o modelo”.</p> <p>MOMENTO 3:</p> <p>- Foi iniciado com a leitura do cartaz- expectativas já listadas. Percebi que o grupo não estava mobilizado para trabalhar as expectativas. Surgiram dúvidas sobre o significado do “modelo” então devolvi a pergunta; recorri a técnica “busca de idéias”, solicitando que os grupinhos escrevessem em “tiras de cartolina” suas idéias sobre um possível modelo que possa ser o mais adequado no ensinar-aprender sexualidade. Para estimulá-los foi registrado no quadro:</p> <div data-bbox="953 946 1449 1117" style="border: 1px solid black; padding: 10px; text-align: center; margin: 10px auto; width: fit-content;"> <p>PENSAR-REFLETIR “MODELO” ENSINAR-APRENDER A</p> </div> <ul style="list-style-type: none"> <li>• reflexões surgiram e foram anotadas</li> <li>• as discussões se processaram nos grupinhos e novas</li> <li>• As tiras com os registros foram fixadas em local apropriado</li> <li>• emergiu um novo cartaz-expectativas, a partir das falas dos grupinhos:</li> </ul>	<p>do processo participativo para produzir o modelo. Gostaram da expressão “ensinar-aprender”</p> <p>_ “quer dizer que o professor também aprende”.</p> <p>_ “massa o professor também aprende com a gente”.</p> <p>Parece que não acreditam muito na possibilidade de que a partir de suas idéias emergiria um modelo para o ensinar-aprender a sexualidade</p> <p>Os grupinhos foram destacando as idéias que pareceram mais significativas e que foram validadas pelo grupo:</p> <p><u>perfil do educador</u></p> <p><u>ambiente</u> - clima mais adequado às várias</p>
--	--	---

<div data-bbox="256 297 716 444" style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;"> <p>PENSAR – REFLETIR “MODELO” ENSINAR –</p> </div> <ul style="list-style-type: none"> <li>• As tiras foram fixadas em local adequadas e então retomadas as devidas discussões.</li> <li>• Os pequenos grupos vão apresentar suas idéias ao grupo.</li> </ul> <p>Cabe ao monitor mediar o grupo, no sentido de selecionar e aprimorar as idéias mais adequadas à confecção do modelo; essas idéias vão ser anotadas numa folha de papel pardo para que sejam retomadas no próximo encontro.</p>	<p>_ “É difícil falar sobre sexo na frente de um grupo que não temos intimidade, por exemplo, as mulheres se preocupam com os sentimentos, os guris gozam dessas coisas”.</p> <p>_ “O Professor deve ter um conhecimento bem amplo, para poder responder as dúvidas dos alunos. E o aluno não ter vergonha de expor suas dúvidas”.</p> <p>_ “É preciso de um lugar (grupo) onde todos se dêem bem, sejam enturmados, por exemplo, para falar sobre o beijo é preciso estar à vontade, ter liberdade até de contar” experiências”. Sem exageros”.</p> <p>_ “O Professor deve ser criativo, usando filmes, bonecos, chamando a atenção dos jovens... tudo de uma maneira simples de se entender. Tirando todas as dúvidas sobre nosso corpo, sensações, gestos, métodos contraceptivos, sentimentos fantasias...”.</p> <p>_ “Achamos que o debate é a melhor forma das pessoas falarem o que pensam ou sentem sobre o prazer-sexo, é preciso de um grupo menor e com intimidade”.</p> <p>- “Confeccionar símbolos”.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Após a fixação das tiras em local adequado, procedi com a leitura das considerações tecidas pelos grupinhos e então mediei as discussões no sentido de aprimorar e validar as idéias mais significativas e adequadas para compor o “modelo”. Retomei cada uma das considerações e fui solicitando os pronunciamentos dos sujeitos. Os registros foram feitos em folhas de papel pardos que estavam fixas.</li> </ul>	<p>manifestações</p> <p><u>jeitos</u>: debates, dialogo e a confecção de símbolos</p> <p>percebo que a condução do mediador deve ser alegre, descontraída e muito flexível ... para mobilizá-los para os processos: “pensar-fazer” e “ensinar-aprender”.</p>
---	---	--



<p>MOMENTO 4:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação oral/escrita nos pequenos</li> </ul>	<p>Assim os registros das tiras foram sendo reformulados e validados... constituindo um novo cartaz-expectativas:</p> <p>_ “O professor deve ter conhecimento bem amplo; ter formação adequada (muito estudo); fazer leituras atualizadas; buscar sempre informações; deve ter” prática”ou seja muita experiência ⇒ para poder explicar tudo aos alunos... não ter vergonha de se expor; deve ter a confiança dos jovens ... e muito jogo de cintura para compreender o adolescente”.</p> <p>_ “O ambiente é muito importante, criar um clima adequado para falar de sexualidade, deve ter respeito no grupo, liberdade de expressão, contar exemplos e experiências... mas sem exageros (na real). Rolar música para relaxar e sala aconchegante”.</p> <p>_ “Debater é a melhor forma, pois as pessoas dizem mais facilmente o que sentem e o que pensam sobre as suas sensações, sentimentos, desejos, intimidade, fantasias e prazer”.</p> <p>_ “A chance do diálogo é bom, pois deixa a gente mais a vontade para falar de sexualidade”.</p> <p>_ “confeccionar símbolos”.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Essas expectativas serão resgatadas no início da próxima atividade-oficina</li> </ul> <p>MOMENTO 4:</p> <p>Avaliação dos pequenos grupos:</p>	<p>s adolescentes se mostraram o tempo todo cautelosos e desconfiados em relação à avaliação ... não queriam fazer. Após as devidas considerações ... a avaliação acontecia então eles passaram a perceber a importância de avaliar as atividades realizadas: para melhor reformulá-las ou descartá-las</p>
---	---	---

<p>grupos e socializadas no grupo.</p> <p>MOMENTO 5:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A despedida será curtir uma música que será selecionada pelo grupo dos CDs que ficarão à disposição do mesmo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pequeno grupo 1: “ foi interessante pois conversamos bastante e a Profª explicou várias vezes os objetivos da pesquisa para que pudéssemos entender e participar... mas é difícil não sabemos como nos colocar”.</li> <li>• Pequeno grupo 2: “ é difícil, mas é bom por que começamos a entender o que é um “modelo”educativo para dar aulas. Massa o ensinar-aprender, pois descobrimos que o Professor também aprende com a gente”.</li> <li>• Pequeno grupo 3: “ é chato fazer um “modelo” pois temos que pensar muito, seria melhor se a profª desse aulas de sexualidade para nos. Temos falado sobre nossas dúvidas de sexualidade e a profª responde”.</li> <li>• Pequeno grupo 4: “ é importante participar desse trabalho de pesquisa ... pois ele quer mostrar como os alunos gostariam que fosse as aulas de educação sexual. Lembramos que na 5ª série era legal, mas a profª não deixava a gente escolher a aula. Agora vamos escolher... e depois a profª vai explicar tudo ... legal”.</li> </ul> <p>MOMENTO 5:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A despedida será curtir uma música que será selecionada pelo grupo dos CDs que ficarão à disposição do mesmo</li> </ul> <p>Agradecimentos pela colaboração</p>	
--	---	--

### **PROPOSTAS PARA O “MÉTODO”– “MODELO”:**

Características dos adolescentes: tempo de concentração mínimo, resmungões, não querem pensar, se a atividade não for interessante preferem bater papo, Resistentes à novos conhecimentos e atividades, depois vão permitindo... e gostam

As atividades devem ser variadas, curtas e suficientemente cativantes (mobilizados para a atividade). Se possível sempre com música. Os registros devem ficar expostos ⇒ assim através da leitura e da observação ⇒ algo acontece, ou seja, desenvolve-se o pensar ⇒ pois os adolescentes ao olhar mais vezes os registros acabam por acrescentar novas idéias... A mediadora deve ser flexível, paciente, isto é, com muito jogo de cintura e bastante criativa.

Solicitaram por diversas vezes esclarecimentos a respeito do significado do “modelo” educativo. Surgiu muita curiosidade a cerca do trabalho do educador. Quando o astral do grupo passa a se mostrar “sem saco” é hora de intervir e talvez reformular a atividade ou renegociar o tempo.

No decorrer dos momentos da oficina 1 foi emergindo elementos para compor o modelo, mediante as percepções dos sujeitos: **perfil do educador**, o **ambiente mais adequado** e o **melhor jeito** de ensinar-aprender a sexualidade: através de muito **diálogo, debates e confecção de símbolos**. E as características do grupo, segundo as minhas percepções.

Indispensável que toda e qualquer atividade pedagógica seja avaliada constantemente.